

ESCOLA DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS
PUBLICIDADE E PROPAGANDA

LAURA PEREIRA TESTA

**A NARRATIVA DA CIDADE DE PORTO ALEGRE NA PANDEMIA: UMA ANÁLISE
IMAGÉTICA DAS FOTOS POSTADAS NO INSTAGRAM EM 2020**

Porto Alegre
2021

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

LAURA PEREIRA TESTA

**A NARRATIVA DA CIDADE DE PORTO ALEGRE NA PANDEMIA: UMA ANÁLISE
IMAGÉTICA DAS FOTOS POSTADAS NO INSTAGRAM EM 2020**

Monografia apresentada ao Curso de Publicidade
e Propaganda, Setor de Comunicação, Pontifícia
Universidade Católica como requisito parcial para
a obtenção do título de Graduado em 2021

Orientadora: Mr. Cristina Schroeder de Lima

PORTO ALEGRE

2021

LAURA PEREIRA TESTA

**A NARRATIVA DA CIDADE DE PORTO ALEGRE NA PANDEMIA: UMA ANÁLISE
IMAGÉTICA DAS FOTOS POSTADAS NO INSTAGRAM EM 2020**

Aprovado em: _____ de _____ de _____.

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como requisito parcial para a
obtenção do grau de Bacharel em
Publicidade e Propaganda pela Escola de
Comunicação, Artes e Design – Famecos
da Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul

BANCA EXAMINADORA:

Prof. Mr. Cristina Lima (Orientadora)

Porto Alegre

2021

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer inicialmente a minha mãe Kátia, que sempre me apoiou em todas as decisões que eu tomei além de ser uma parceira incrível para todas as situações. Ao meu pai Mário por me questionar, debater, desenvolver minha proatividade e ser uma pessoa que sempre me surpreende pela sagacidade. Aos dois em conjunto pela sabedoria, pela incansável vontade de ambos em fazer o bem e por me mostrarem o valor da amizade. Ao meu irmão Arthur, por incentivar a prática da leitura e pelas discussões calorosas que me ensinaram a tomar posicionamentos com o passar do tempo. A minha vó Valesca que me ensinou a ter força e pelo abraço mais aconchegante do mundo. Por fim no que diz respeito a família de sangue, a minha tia Rosmari que propiciou os meus estudos e nunca negou nada sobre ensino e saúde, sem ela nada disso seria possível.

Ao meu namorado Ítalo agradeço a paciência. Por facilitar o processo da minha faculdade de tantas formas, dispondo do imenso conhecimento sobre história, artes, geografia e tantos outros. Por me fazer valorizar o processo da caminhada e o meu descanso. Agradeço pelas tantas vezes que me fez sentir capaz.

Aos amigos: Iann Muller o qual me acompanhou durante quase toda caminhada da faculdade, me incentivando e ajudando de todas as maneiras existentes; ao Ricieri Camatti que me mostrou as cadeiras do PPGCOM e sempre foi muito sincero desenvolvendo meu crescimento acadêmico; ao Otho Pickrodt e ao João Strack que despenderam horas e nunca mediram esforços pra me ajudar seja pela companhia para que eu conseguisse focar ou para me explicar sobre política, filosofia e história; ao Felipe Nunes que, também sem medir esforços, buscou comigo e fez possível a coleta de imagens desse trabalho (e de outros projetos), dispondo do conhecimento em programação, além de fazer parte dessa caminhada com o apoio e amizade; ao Pedro Rossi o qual conheço há 8 anos e que nesse período de isolamento se fez muito presente, me acalmando e mostrando que com uma boa estrutura tudo é possível; aos amigos Felipe e Vanessa que estiveram muito presentes na caminhada. E por fim as minhas amigas Alana de Menezes e Laura Maschmann que eu precisaria de pelo menos dois tccs para expressar o quanto são importantes para mim e o tanto que me ajudaram.

Gostaria de agradecer a professora Magda Rodrigues da Cunha por ter me dado a oportunidade de participar de projetos enquanto bolsista de pesquisa e por me

apresentar a pesquisa acadêmica. Também agradeço ao CNPQ pela oportunidade. Ainda sobre pesquisa, agradeço a professora Juliana Tonin que na minha primeira cadeira de projeto de pesquisa falou sobre a importância da pesquisa, sobre a importância de concluir o que se começou e do privilégio em fazer parte de bolsas do CNPQ. A minha orientadora Cristina Lima, agradeço a paciência, os puxões de orelha e pelas inúmeras gargalhadas durante esse semestre que deixaram a caminhada mais leve e ainda sim muito produtiva. Ao meu professor Elson Sempé que não mediu esforços, tempo ou palavras para me incentivar a estudar teoricamente os processos fotográficos visando melhorar a minha prática.

Aos nomes de familiares, amigos e professores que aqui não citei, sou grata pela caminhada.

RESUMO

A presente monografia teve como objetivo principal identificar as narrativas criadas sobre cidade de Porto Alegre por meio de fotografias postadas na plataforma Instagram durante o ano de 2020. Dentro da proposta geral, os objetivos específicos foram resgatar o conteúdo imagético para interpretação; criar uma metodologia de coleta e classificação; e identificar as mudanças estéticas da narrativa de antes e durante a pandemia. Foram coletadas dentro da plataforma Instagram durante os meses Julho e Agosto de 2021, 215 imagens, sendo 14 fotos em cada mês no primeiro semestre do ano de 2020 e 15 em cada mês do segundo, variando conforme fatores externos a pesquisa. A metodologia se dá qualitativamente, utilizando de pesquisa exploratória, descritiva e explicativa e por fim, a da coleta documental para o fim da análise interpretativa imagética. Pode-se concluir que é cidade plural no seu modo de se relacionar com a cidade, mas ainda sim com intenções voltadas para a situações e localizações semelhantes que são foco dos olhares. Nota-se também uma recorrência em retratos de si na cidade, trazendo a ideia de pertencimento e presença.

ABSTRACT

The main objective of this undergraduate paper was to identify the narratives created in the city of Porto Alegre through pictures posted on the Instagram platform during 2020. Within the general proposal, the specific objectives were to rescue the imagery content for interpretation; create a collection and classification methodology; and identify the aesthetic changes in the narrative before and during the pandemic. During the months of July and August 2021, 215 images were collected within the Instagram platform, 14 photos in each month of the first semester of 2020 and 15 in each month of the second, varying according to factors external to the research. The methodology is given qualitatively, using exploratory, descriptive and explanatory research and, finally, that of document collection for the purpose of interpretative imagery analysis. It can be concluded that it is a plural city in its way of relating to the city, but still with intentions aimed at similar situations and locations that are the focus of eyes. There is also a recurrence in portraits of the self in the city, bringing the idea of belonging and presence.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Publicações do dia 15/02/2020	62
Figura 2 – Publicações do dia 20/09/2020	65
Figura 3 – Publicações do dia 15/06/2020	66
Figura 4 – Publicações do dia 15/04/2020	67

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Gêneros fotográficos.....	59
Quadro 2 – Posição da pessoa no Retrato.....	59
Quadro 3 – Referentes de destaque.....	59
Quadro 4 – Escolha de horário e clima.....	60
Quadro 5 – Legenda.....	60

SUMÁRIO

RESUMO	5
1.INTRODUÇÃO	10
2.CONSTITUIÇÃO URBANA	13
2.1.URBANIZAÇÃO E MODOS DE VIDA. UMA BREVE RECAPITULAÇÃO HISTÓRICA.....	14
2.2 ESTUDO E PERCEPÇÕES DA CIDADE	27
3.FOTOGRAFIA	34
3.1 A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA IMAGEM FOTOGRÁFICA.....	36
3.2 OS GÊNEROS FOTOGRÁFICOS.....	41
3.3 TECNOLOGIAS DO IMAGINÁRIO E O INSTAGRAM.....	50
4.PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE	55
5.CONSIDERAÇÕES FINAIS	68

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho visou utilizar das publicações dentro da plataforma voltada para o compartilhamento de imagens, o Instagram, para responder a pergunta: Qual a narrativa da cidade de Porto Alegre durante o primeiro ano de pandemia da covid-19.

O período escolhido foi o ano de 2020 pois, com a pandemia da Coronavírus e as recomendações de isolamento, a relação entre o sujeito com a cidade, ao permanecer em casa, torna-se limitada. Com isso, muitas das formas de se viver são remodeladas. Ao transportar as atividades cotidianas para dentro de casa, diversas mudanças culturais, econômicas foram realizadas, fazendo os planejadores da cidade também repensar algumas práticas. Pretende-se, através do resgate e da análise de fotografias que retratam a cidade, entender como estava sendo vista e compartilhada a cidade, o que era pensado e exposto em descrições das publicações, que características da cidade foram valorizados na escolha de composição da foto, qual a Porto Alegre vista antes e durante da curva de contágios da pandemia crescer. Essas perguntas são consequência do objetivo geral da pesquisa, que se encontra em: traçar a narrativa criada por usuários do Instagram, compartilhada por imagens, sobre a cidade de Porto Alegre.

Para responder essas questões, se fez necessário inicialmente a criação de uma metodologia de coleta que não utilizava apenas da plataforma para recolher as imagens, pois a mesma não possui as ferramentas necessárias para alcançar imagens em períodos específicos. A solução para a coleta se deu em um algoritmo que pede por duas informações de entrada: a data escolhida em formato estadunidense (mês/dia/ano) e o link da localização disposta pelo Instagram (aqui utilizada a de Porto Alegre). Como dado de saída, ele entrega um link url¹ com a página do Instagram contendo todas as publicações realizadas na plataforma com a marcação da localização dentro da data selecionada. Quando encontrada a solução, no mês de Julho de 2021, iniciou-se a coleta de 7 imagens a cada dia 1 e 15 de cada mês, totalizando 14 imagens por mês no primeiro semestre de 2020, iniciando em janeiro. A partir de julho, devido a mudança no padrão de recomendação do

¹ URL é o endereço digitado para entrar um site na Internet. A sigla URL significa: Uniform Resource Locator, que é definida como “Localizador Uniforme de Recursos”

isolamento, a coleta muda para 5 imagens nos dias 1, 10 e 20 de cada mês até dezembro 2020, totalizando 15 imagens em cada mês do segundo semestre. Outra iniciativa necessária para responder o problema da pesquisa foi a criação de um padrão para descrever, categorizar e indexar as imagens, resultando em legendas descritivas e uma planilha quantitativa com pontos principais. Esses resultados iniciais foram destacados no decorrer da análise, visando entender suas repetições, particularidades e relações com a pandemia. Pelo fato de que essa pesquisa tem a análise composta da interpretação da autora perante diversas fotos, se fez necessário, visando diminuir a vulnerabilidade da observação, criar maneiras de expandir a visualização como as planilhas de descrição qualitativas e quantitativas supracitadas. A análise de imagens teve como base teses como a Análise documentária de imagens: Um referencial de leituras fotográficas para fins documentários – Mirian Paula Manini publicado em 2010 e BARROS (2006).

Os eixos pesquisados para entender os objetos de estudo no primeiro capítulo foram: o processo de urbanização a partir do sedentarismo dos grupos sociais, onde autores como ABIKO (1995); ALVEZ (2005); BAIARDI (1997); BLASCO (2021); GOITIA (1992); MARTINS (2005); OLIVEIRA (2008); SPOSITO (2009); VILLAÇA (1999), foram utilizados para percorrer sobre as histórias da urbanização, do sistema capitalista, constituição de Porto Alegre, de cidades da idade antiga e suas tecnologias. A partir disso, fez-se um levantamento sobre os estudos que surgem em torno da vida na cidade e como os sistemas de poder, distribuição urbana e a economia, ou seja, como as dinâmicas das cidades refletem na subsistência ou vivência, no pertencer ou estar alienado em relação a cidade. Para este fim, autores como AUGÉ (1992); BAUMAN (2005); BORGES (2020); FREUD (1930); GEHL (2018); LEITE (2006); PESAVENTO (2005) e (2007); SENNETT (2008) foram utilizados.

No terceiro capítulo falou-se sobre o percurso histórico da fotografia e a popularização da mesma até chegar na massificação dos aparelhos móveis. Também foi abordado com aprofundamento os gêneros fotográficos e o que os diferenciam, levantamento que colabora para que na análise imagética possibilite compreender os estilos utilizados pelos usuários mesmo que de forma amadora, e como são representados dentro da estética do Instagram. Para esses temas alguns dos autores são BENJAMIN (1992); BRESSON (1952); BRUNET (2009); HACKING (2012); TAVARES (2019); SONTAG (2004).

Por fim, abordou-se sobre a sociologia da imagem e um breve entendimento sobre o imaginário; a contextualização da pandemia e os estudos, discussões e preocupações sobre a mídia Instagram. Os autores utilizados aqui são SILVA (2020); COUTINHO (2006); DEBORD (2003).

2. CONSTITUIÇÃO URBANA

Para cumprir o objetivo deste trabalho, que é composto pela observação de fotografias que contêm a cidade como objeto de destaque ou plano de fundo, é necessário falar não apenas da emergência dos agrupamentos sociais em locais permanentes, ao deixarem o nomadismo, mas de que forma agiam a política e economia das cidades, posto que, para falar de cidade é essencial abordar a lógica de vida dos sujeitos de um determinado local. Neste capítulo, será falado sobre algumas comunidades emergentes da Antiguidade, como os povos mesopotâmicos e a Atenas Antiga; a migração em massa do campo rural para os centros urbanos; a constituição territorial das pequenas cidades até o arquitetar das cidades modernas.

De forma breve, espera-se esclarecer como a distribuição urbana mudará o estilo de vida, a saúde mental e física do sujeito, e a forma como este interage e se sente para/com a cidade durante a história, espera-se esclarecer como a distribuição urbana mudará o estilo de vida, a saúde mental e física e a forma que o sujeito interage e se sente para/com a cidade durante a história. Também será abordado o início dos estudos em que a relação do cidadão com a cidade será objeto principal de observação, e então, a etnografia entrará para um planejamento de modo a focar o cidadão. No final do capítulo, será observado como a história deixará marcas e formas que até hoje são essenciais para a relação da sociedade com o espaço urbano. Tem-se diferentes perspectivas em empregar o termo “cidade”, compondo diferentes critérios para definir o espaço como tal. Durante o estudo histórico, houve tentativas de estabelecer parâmetros quantitativos, a partir do número de pessoas encontradas em um local, ou, qualitativamente, determinado quando a população se encontra produzindo atividades além da agricultura. Hoje, a cidade ainda tem características diversas não universais para ser chamada como tal. Por fim, é importante destacar que o levantamento histórico aqui realizado são em grande parte de uma historiografia ocidental.

2.1 URBANIZAÇÃO E MODOS DE VIDA. UMA BREVE RECAPITULAÇÃO HISTÓRICA

Organizações sociais em espaços demográficos existem desde muito antes do êxodo rural ocorrido devido a revolução industrial. As primeiras civilizações conhecidas tornam-se vilas ao desenvolver a agricultura e, em alguns casos, a pecuária, desfazendo a necessidade de deslocamento para a busca de alimentos e possibilitando a fixação em um só lugar. No princípio da base de qualquer plantação, os solos férteis para cultivo eram encontrados em torno de rios, como o Eufrates na Mesopotâmia. Ali se encontraria um dos primeiros povos a se “ancorar”. Estes, que se desenvolveram em volta dos rios, ficaram conhecidos como as Civilizações Hidráulicas -outros exemplos são o Egito, a China e a Índia. Devido às mudanças de estações que provocavam mutações no nível do rio, o local de plantio trocava de lugar. Mesmo assim, povos que constituíram a cidade, como os sumérios, se estabeleceram em terra dentro de muralhas de forma regular geometricamente, onde construíram seus monumentos, edificações e pirâmides. O povo supracitado que carregava o nome com significado “entre rios”, desenvolveu técnicas de agricultura e segundo Abiko (1995), o povo ainda construiu sua cidade com estruturas uniformes e simétricas, reflexo de um planejamento das construções, mostrando preparação para não sobrepor os locais de plantio e de enchentes com estruturas.

A cidade apresentava um formato de um grande retângulo de 2500 por 1500 metros, cercada por muralhas, era dividida em duas metades pelo rio Eufrates. Toda a cidade, e não somente os templos e palácios, parece traçada com regularidade geométrica: as ruas eram largas e retas e de largura constante, os muros se recortam em ângulos retos e possuía prédios de 3 e 4 pavimentos. (ABIKO, 1995, p. 9).

Os sumérios (assim como outros povos que ali se encontravam: os acádios, assírios, entre outros) tinham um único poder nas mãos de um único governante, que para seus súditos, carregava um título divino na terra. Prometia este, então, segurança dentro de suas muralhas, cobrava impostos da colheita, e, para manter sua imagem de benfeitor, além de não querer perder sua mão de obra em períodos de seca, distribuía uma parcela de alimentos que antes foram arrecadados no seu estoque, garantindo a subsistência do seu povo. Então, a luta por permanecer vivo é um dos fatores chaves, assim como a religiosidade e o poder concentrado nas mãos de poucos, aspectos que se repetirão em muitas das comunidades aqui elencadas.

Outra estrutura planejada, descoberta em sítio arqueológico é a *Moenjodaro*,

construída por volta do século 2600 a.C, contemporânea das cidades mesopotâmicas. A cidade provavelmente foi abandonada pois um dos rios que sustentavam a agricultura local, mudou de direção. Outra civilização conhecida é a asteca que possuía o poder nas mãos de um imperador. A capital dessa civilização foi Tenochtitlán (atual Cidade do México). Em uma entrevista para BBC², o historiador Dr. Caballos fala que a cidade ficou conhecida por ter uma das maiores estruturas urbanas de sua época. O entrevistado ainda acrescenta que quando o conquistador espanhol Hernán Cortés chegou ao local para invasão e dominação, foi aconselhado a submeter a civilização ao seu poder e não a dissolvê-la. O motivo disso foi que a cidade impressionava pelo seu tamanho, organização e avanços tecnológicos, como o que levava água para a população, que demonstrava avançados conhecimentos hidráulicos. “Era uma metrópole refinada, com banheiros públicos e mais de 30 palácios que abrigavam finas cerâmicas e elegantes artigos de tecido” diz o escritor e historiador espanhol Fernández de Oviedo trazido como referência pelo historiador supracitado Caballos. Reconhecida por seu povo guerreiro, era uma civilização hierarquizada, sendo a nobreza constituída por sacerdotes e chefes militares, os quais também possuíam vínculos religiosos. O artesanato asteca ia da confecção de tecidos a pinturas e objetos de ouro e prata. Juntamente com os artesãos, os agricultores ocupavam a base dessa pirâmide hierárquica, trabalhando compulsoriamente para o imperador.

Diferente das primeiras sociedades que procuravam apenas a sobrevivência, por volta do século V, a cidade-estado de Atenas se mostra como um núcleo econômico e cultural, a qual influenciará os estudos urbanos no século XVI na Itália³. A pólis grega possuía diversas características distintas de outras junções sociais presentes na mesma época e nas que viriam. O nome no qual a cidade era reconhecida significava política⁴. Nessa cidade podemos ver a busca pela urbanidade, ou seja, entregar ao cidadão o pertencer a uma cidade. Ela se estruturava em grandes praças que compunham centros tanto culturais como comerciais. Um exemplo foi a Ágora, local onde a prática da retórica concedeu o sentimento de

² CABALLOS, Esteban Mira . 'Veneza do Novo Mundo': conheça a capital asteca antes da colonização espanhola, entrevista de Lúcia Blasco. BBC News Brasil. Disponível em: <<https://www.bbc.com/portuguese/geral-58252874>>. Acesso em: 02/10/2021.

³ Onde teremos o berço do renascimento, tópico que, assim como a revolução industrial no século XIX, será retomado ao decorrer do projeto

⁴ A influência da palavra pólis permanece na linguística hoje com a conservação da palavra em sufixos em termos como metrópole e megalópole.

pertencimento para aqueles que eram considerados cidadãos (homens, nativos, não escravos, maiores de idades e que possuíam terras). Outro exemplo arquitetônico foi o muro de entrada única, nomeado Dypilon, que para o autor R.E Wycherley em *The Stones of Athens* (1978, p. 19) apud Richard Sennet (1994, p. 33) “simboliza a força e o poder de uma cidade inexpugnável”. Além disso, grandes estruturas e monumentos retratando os corpos humanos e de divindades traziam o sentimento de imponência da cidade para/com o sujeito que ali se encontrava diante das majestosas pedras. A cidade era organizada e estruturada de forma a valorizar o homem e a interação deste com semelhantes. Também era permeada de símbolos religiosos que legitimavam o poder dos governantes.

Tão importante quanto Atenas para os estudos encontrados no Renascimento, e com semelhante grandiosidade política e religiosa, a cidade de Roma é um exemplo de urbanismo na antiguidade continha aquedutos, fóruns, ruas, estradas, parques, jardins, grandes prédios religiosos, feiras, espaços para entretenimento e o prédio do governo.

Roma, a capital do Império Romano, foi fundada provavelmente no ano de 753 a.C., fruto da conquista, primeiramente sobre a Península Itálica, depois do Mediterrâneo. Assim como várias outras Cidades Antigas, seus edifícios, casas, ruas, teve todas as suas pedras esculpidas e milimetricamente medidas, mas foram também talhadas pelo mito. Trazendo em seus alicerces uma série de crenças, mitos e ritos, realizados e idealizados pelo homem como uma forma de manter o equilíbrio entre o plano terreno e sobrenatural (RYKWERT, 2006, p.19-21).

No decorrer da história, as invasões bárbaras dão fim a várias cidades, assim como ao Império Romano. As cidades antigas que outrora viveram um grande esplendor, perdem o âmago de suas civilizações, saqueadas e em alguns casos dominadas. As que permaneceram tiveram suas estruturas sociais e arquitetônicas totalmente abaladas. A falta da segurança de pertencer a um grande império fez com que as rotas de comércio se tornassem perigosas e a falta de um poder político sólido dificultava que as antigas formas de economia permanecessem vivas, obrigando a uma reestruturação completa das cidades que resistiram. Esse período ficou conhecido como antiguidade tardia. Segundo o autor Faber (2020) os bárbaros, que conquistaram as cidades, dissolveram o grande império em pequenos reinos, porém não conseguiam construir poderes sólidos e acabavam por não perdurar como grandes reinos, exceto o que viria a ser o Reino Franco. Esse período, conhecido

como Alta Idade Média (sec. V a X), foi marcado pela ruralização ao mesmo tempo que possibilitou a constituição de novas cidades fundadas em regimes monárquicos.

Devido a destruição das rotas de comércio, houve a necessidade de produzir a agricultura voltada novamente para a subsistência. Começou então o período feudal. Segundo Ekman (2020) as cidades medievais são vistas como a base para a construção das cidades modernas. Nesse período foram realizados “contratos” em que era fornecido pedaço de terra pelo rei (ou entre nobres), com as condições de entregar parte dos ganhos produzidos e lealdade a quem a forneceu terra. Esses espaços geográficos viriam a se tornar os feudos.

A terra arrendada por A se espalha por três campos e está dividida em faixas, nenhuma das quais vizinha da outra. Da mesma forma, o arrendatário B, e assim sucessivamente. Nos primórdios do sistema feudal, o mesmo se dava com as propriedades senhoriais; também eram divididas em faixas esparsas, entremeando-se a outras, mas nos últimos anos a tendência foi de formar um só bloco.” (Huberman, 1981, p.6)

A população encontrada na área rural em torno desses castelos, com o decorrer do tempo, desenvolveu novas técnicas de agricultura além da já utilizada rotação de terra para o plantio que entregava solos mais férteis e vantajosas a longo prazo. A reestruturação dos meios de produção agrícola que visava suprir a então produção insuficiente, condiciona-se no percurso de desenvolvimento de cada região facilitando uma produção em maior escala. Após muito tempo, como consequência dos desenvolvimentos agrícolas, a luta pela subsistência lentamente vai deixando de ser a única forma de viver para alguns, possibilitando o desenvolvimento econômico de outras formas. Também teremos um grande período sem grandes guerras o que propicia o aumento da população. Com a sobra de recursos começam a se formar pontos de venda e de troca dos orgânicos produzidos, as exposições geralmente eram localizadas em volta dos castelos. Sobra também tempo para que outras atividades sejam colocadas em prática, como o artesanato.

Com o acúmulo de avanços nas tecnologias de utilização do solo, cada vez será mais comum haver um excedente de produção, isso resulta em uma prolongação, quando não o pouso em si, de uma família a um local como deixa explicitado Rolink “A cidade, enquanto local permanente de moradia e trabalho, se implanta quando a produção gera um excedente, uma quantidade de produção para além das necessidades de consumo imediato (ROLNIK, 2004, p. 16).

Desenrola-se então, com os escambos de alimentos e o aumento do artesanato como um produto de troca, o nascimento das grandes feiras medievais e o renascimento comercial no séc. XI. Assim como nas cidades modernas, as feiras ocupam e transformam o local demográfico em que se encontram, dando para aquela época uma nova paisagem urbana, novos cheiros e formas de perceber as ruas perto dos castelos. As instituições de ensino, que tinham deixado de ter espaço, voltam a se tornar instituições organizadas. Esse grande fenômeno repercute na constituição da estabilidade econômica da cidade. Segundo Rykwert (2006) O crescimento e solidez econômica chama a atenção dos líderes (nobreza) que agora veem um motivo em murar novamente os castelos a sua volta e defender seus bens. O período citado acima é conhecido por Idade Média Central.

Podemos nos propor ao exercício de imaginar as configurações de reinos feudais na Baixa Idade Média (Séc. X ao XV). Nos localizamos agora nas cidades que concentravam um pouco do comércio local. Talvez nos venha a imagem de um castelo (remanescente) em alguma colina ou planície elevada e logo abaixo algumas casinhas amontoadas e ao redor do mesmo. Nos imaginamos dentro das ruas em meio a estas casinhas. Pode ser por conhecimento histórico ou mesmo filmes e animações, enxergamos à nossa frente estreitas passagens e várias curvas nessas vielas. As praças existentes tinham usos específicos celebrativos, fúnebres ou até mesmo punitivos, ir e/ou permanecer naquele lugar carregava a ideia e expectativa de evento, apreciação e entretenimento. Se nos afastássemos na vertical, veríamos de cima ruas em formatos de cobras e amontoados de casas e barracos, assim como os centros de comércios (feiras medievais). Configurações geográficas como essa: muros e casebres amontoados que impossibilitavam a entrada de luz e a circulação de ar, a falta de estrutura de esgoto e o descaso com a água, diferente das antigas cidades romanas que mesmo a céu aberto possuíam valas e canais hídricos, são a causa da disseminação de doenças bacterianas e virais.

Agora vamos viajar no tempo mais para frente e nos colocaremos no período do renascimento, movimento de extrema importância para a ciência, filosofia, artes e tantos outros aspectos. Segundo Abiko, Goitia afirma que “a atividade urbanística durante o século XV e XVI consiste, em grande parte, em alterações no interior das velhas cidades que, geralmente, modificam muito pouco a estrutura geral” (ABIKO 1995. P. 34 apud GOITIA 1992). Tivemos o avanço na ciência com os corpos dissecados e muito estudados por Da Vinci. Surgem linhas filosóficas como o

humanismo que visava colocar o homem como de extrema importância para além dos mitos, dos deuses, do dinheiro e um equilíbrio entre natureza e ciência.

O campo da arte vai se modificar com a técnica da tinta óleo e a vasta possibilidade de detalhes que essa tinta possibilitou. Portanto se vê uma sociedade que se importa com racionalidade, que leva em consideração o realismo e que, pode-se dizer, se importa com a simetria, o que irá se espelhar em algumas configurações das cidades surgidas e/ou reestruturadas desta época. Em um levantamento sobre as mudanças arquitetônicas, Goitia fala sobre a regularidade geométrica encontrada nesse período histórico, no interno das cidades.

Abertura de algumas ruas novas, com edifícios solenes e uniformes, e sobretudo a criação de novas praças, regulares ou quase regulares, para enquadramento de um monumento destacado, uma estátua para honrar um rei ou um príncipe, ou para representações ou festejos públicos, são os empreendimentos urbanos mais apoiados, que o período barroco irá continuar ainda em maior escala (GOITIA, apud Ronlink, p.34, 1992)

Com a atividade comercial crescente, uma política (monárquica) sólida, entretenimento nas praças e a proteção murada entregue pela estabilidade ali encontrada, a cidade desenvolve-se para além dos planejamentos do lugar como de passagem e de moradia. Passa-se a valorizar a arte e entendê-la em grande escala nas igrejas, monumentos e locais públicos. Aproximam-se então de uma cidade que oferece alguma experiência, além da simples junção social de existir em um mesmo local.

A Idade Moderna aconteceu entre os séculos XV até XVIII. Sobre sua data mais específica de início não há um consenso entre os historiadores, mas alguns dizem começar na data de 1453 com a queda de Constantinopla e o fim da Guerra dos 100 Anos. Outros irão dizer que o início se dará com a viagem de Vasco da Gama às Índias ou a viagem de Cristóvão Colombo às Américas. Há um consenso na data de fim do período, ocorrido com a concretização da Revolução Francesa em 14 de julho de 1789. Na Idade Moderna teremos grandes fenômenos como o Renascimento Cultural, a Reforma Religiosa, o Absolutismo concentrando o poder nas mãos do rei, o Iluminismo, o início da Revolução Francesa e as grandes navegações. Esse último fato dará início a uma evolução econômica e irá proliferar a cultura portuguesa em cidades que serão construídas a mando do Rei. A expansão territorial também possibilitará pactos coloniais entre o colonizador e colonizado; monopólios comerciais onde o rei, com o poder absoluto, ditava as regras de comércio para grupos e suas

áreas de atuação, assim como do espaço que será utilizado. A medição de riquezas de um país era baseada na presença e quantidade de metais preciosos que este continha; valorizavam também o equilíbrio entre exportação e importação, dando maior vazão à exportação para o maior retorno, como dirá Abiko.

Por volta do final do século XV, a dinâmica da civilização européia muda radicalmente. Antes de 1500, contatos ultramarinos tinham uma importância reduzida, mas com o desenvolvimento da navegação marítima e, posteriormente com o estabelecimento de comércio entre o continente europeu e as novas colônias, o mercantilismo passa a ocupar lugar de destaque no desenvolvimento econômico europeu. A descoberta dos metais preciosos na América robusteceu ainda mais o colonialismo dos países europeus. (ABIKO, p.34, 1995)

A economia, a política e a religião ainda andarão paralelas e dependentes por um fragmento dentro desse período. O sistema feudalista e o excedente da agricultura que permitiu o comércio, criaram a classe burguesa, que fazia parte da economia, mas ainda dependente de responder e de exercer acordos com o Rei. Esse último se aliava com a Igreja que compunha uma grande parte da receita do Estado português, essa participação com uma grande fração de receita durou até o séc. XVIII. Há importantes mudanças proporcionadas pela Idade Moderna, uma delas (que alteraria em partes um cenário recorrente na história) foi o questionamento de como os as pessoas viam e recebiam a igreja como absoluta, e se os Estados deveriam respeitar ou não a autoridade do Papa. Então, se na Idade Média a Igreja esbanjava riquezas e poder sobre governos e cidadãos, na Idade Moderna teremos a Reforma Religiosa iniciada por Martinho Lutero que questionava a santidade do Papa e da Igreja. Inicia aqui um distanciamento entre o poder político e religioso, também por parte econômica. A Igreja Católica iniciou um movimento para conter o avanço da reforma, a Contrarreforma. Essa começou com o Concílio de Trento que resgata a hegemonia católica na Europa, mas que não conseguiu apagar a influência da Reforma.

Esse período de transição entre idade média e idade moderna onde surge o Renascimento, segundo Gehl (2018), foi marcado pela simetria e pela busca da perfeição, vigente nos modelos clássicos como Atenas. A Arquitetura Renascentista se destaca por esses aspectos. Outras características são os temas religiosos, mitológicos e da natureza. A Arquitetura Barroca, vigente no século XVI ao XVII, surge como contraponto a arquitetura supracitada. Ela trará obras ornamentadas com o uso do movimento com técnicas de luz e sombra, e da mescla entre pintura e escultura.

É importante destacar que a população urbana das cidades europeias correspondia apenas a 2,5% da população total deste período, e segundo Abiko (1995, p.34) “Esta baixa proporção é um reflexo da preponderante natureza rural da sociedade pré-industrial”.

Como citado anteriormente, a atividade da civilização europeia sofreu mutações na sua economia com os desenvolvimentos de navegações marítimas, muito importantes então para toda a reconfiguração da sociedade em quase todos os aspectos sociais como cultura, economia, ciência e outros. Além disso, as navegações chegaram ao Brasil iniciando a colonização por parte de alguns impérios como Português e o Espanhol.

Segundo Terra (2012) as primeiras cidades brasileiras foram construídas em mandado do Rei de Portugal para defender o território do império português, portanto os primeiros espaços demográficos de ocupação na era colonial foram litorâneas e com grande importância militar, assim como irradiavam cultura europeia. As cidades, portanto, tinham estruturas muito parecidas com as cidades existentes portuguesas, em exemplo, casas baixinhas e coloridas. A Igreja Católica, os centros administrativos e militares eram locais de destaque das cidades. A igreja ocupava ainda mais esse centro por ser responsável por regulamentações e distribuição de terrenos. Outra iniciativa dos europeus que aqui colonizaram, foi a de “embelezamento”⁵ das cidades, alargando ruas e, em outro processo, empurrando comunidades de baixa renda para longe dos centros. As cidades brasileiras foram então planejadas desde o seu princípio, mas assim como outras, não suportaram o aumento da população e o início dos automóveis que trariam necessidades geográficas (e prioridades econômicas) novas para o local.

Dentro desse percurso de fundação das cidades do Brasil, é necessário, devido ao objeto de estudo deste trabalho, falar sobre a cidade de Porto Alegre. A capital do Rio Grande do Sul foi fundada em 1772 quando famílias açorianas foram enviadas para cá por meio do Tratado de Madri, que limitava as colônias espanholas e portuguesas, dando um fim às disputas que vingavam. Essa história seria a colonização, mas não é, de maneira alguma, o descobrimento dos territórios. Antes dos portugueses, o espaço demográfico era habitado por cerca de 3,5 milhões de

⁵ Termo utilizado por Flávio Vilaça e reproduzido por Priscila Pacheco e Laura Azeredo (2019) em uma matéria chamada “A história da urbanização brasileira” disponível em < <https://wribrasil.org.br/pt/blog/2019/05/historia-da-urbanizacao-brasileira>>. Acesso em: 20 de agosto de 2021.

índios divididos em 4 grupos Tupi, Jê, Aruaque e Caraíba⁶. Os açorianos então, assim como alguns outros homens e mulheres de diferentes nacionalidades que chegaram em maior número a partir de 1824 como é colocado em pauta no texto da autora Margaret Marchiori Bakos

Os primeiros alemães chegaram em 1824 à colônia de São Leopoldo, nas ceranias de Porto Alegre. Eles vêm aos poucos, somando em 1929 aproximadamente 223.000 imigrantes. Gradativamente, constitui-se a chamada “zona colonial”, às margens de cinco rios que convergem para o estuário de Guaíba. (BAKOS, 2013, p. 24)

Habitavam as margens do rio Guaíba com a esperança de uma nova vida nas terras. Devido às planícies, a cidade ganhou o apelido de cidade dos pampas, característico também de outras localidades como Argentina e Uruguai, de onde também viria a cultura do gaúcho. As nomeações da cidade começaram com o Porto de Viamão devido aos rios enxergados do alto. Em 1740, quando a cidade se transforma numa sesmaria, é denominada Porto dos Dorneles. E quando os casais açorianos são trazidos para cá, passa a ter o nome de Porto dos Casais. Não se pode deixar de constatar que a cidade com atividade econômica surge da escravidão dos indígenas, dos africanos e seus descendentes.

Devido a localização inicial da cidade às margens do Rio Guaíba, onde também se localiza a usina do Gasômetro (antes primordial fonte de energia da cidade), a formação geográfica será diferente de boa parte das organizações aqui citadas, já que o centro da cidade não se localiza no meio, e sim na ponta. Desse centro em uma extremidade surgirá o leque de Zona Norte, Zona leste e Zona Sul.

Nesse período entre 1760 e 1840 também se encontra a Revolução Industrial que ocorre primeiro na Inglaterra, seguida pela França e Alemanha. Os acontecimentos que geraram tal Revolução são os desenvolvimentos mecânicos que possibilitam as criações de fábricas para produção em massa, inicialmente têxtil, e a criação de ferrovias que com a velocidade disposta ali, acelera o meio industrial de comercialização. Esses fenômenos fazem com que ocorra a migração em massa das áreas rurais para as urbanas, as quais não suportam a quantidade de habitantes que ali se estabelecem. Como traz Abiko “a cidade de Londres, por exemplo, passa de 864.845 habitantes em 1801 a 1.873.676 em 1841 e 4.232.118 em 1891: em menos de um século sua população praticamente quintuplicou.” (CHOAY 1979 *apud* Abiko,

6

1995 p.39). O crescimento se dá também pela diminuição na taxa de mortalidade, mudando também a distribuição social interna e econômica. Com a falta de espaços adequados para população emergente, as famílias se aglomeravam em espaços disponíveis nos bairros existentes ou construindo novas estruturas, no que veio a ser a periferia, as quais formavam bairros extensos ao redor dos centros. Assim como em outros momentos em que sobreviver é a base da existência, os trabalhadores se encontravam em espaços demográficos sem grandes auxílios ou com algum sistema razoável para que seus bairros se desenvolvessem conforme a população aumentava. As ruas com esgoto a céu aberto, os amontoados de lixos e as residências perto dos locais de trabalho, resultam em um ambiente insalubre principalmente para o operário, propenso a epidemias e doenças.

Dois anos após a constituição do Brasil como República, em 1891, surge o projeto de um distrito para ser sede das atividades governamentais do país. No ano seguinte, o Astrônomo Louis Cruls, líder da organização da Comissão Exploradora do Planalto Central, a qual era responsável pela primeira iniciativa de concretização do projeto, viu a região do Centro-Oeste do Brasil, cercada por rios, como um lugar ideal para a construção desse centro político. Essa região é chamada pela comissão de *Quadrilátero Cruls*. Apenas em 1956, é definido esse espaço como oficial para a construção. A proposta de Brasília como progressista se dá pelas ideias modernistas de construção, reflexo das várias evoluções tecnológicas que vão do início dos automóveis às grandes construções verticais. Uma ideologia muito presente, dentro da idealização do distrito, é a capitalista. A sensação a qual se pretendia com as grandes estruturas e monumentos era transpor, no imaginário, tanto no mundo das ideias quanto na sua concretização vertical, a imponência da cidade. Apenas em 1946, no governo de Juscelino Kubitschek, inicia-se a realização com a organização da Novacap⁷ liderada pelo engenheiro e deputado federal Israel Pinheiro.

Neste período de utopismo tecnocientífico, dotado de um ilimitado progresso e impulsionado pelas descobertas e criações no âmbito científico e tecnológico, Brasília materializa, segundo Silva (1997, p.67), “uma época em que a identidade era fornecida pelo sonho, ao mesmo tempo em que o sonho era a própria identidade”. (ALVES, 2005. pg. 2)

Um dos motivos de se acreditar que o lugar refletiria uma utopia, é o fato de já na época da sua construção, alguns estudos sobre a cidade voltada para pessoas já

⁷ Companhia Urbanizadora da Nova Capital

estavam em pauta, e mesmo assim o planejamento seria voltado para as criações de rodovias e grandes quantidades de concreto, contrário ao ideal para a saúde mostrado pelos estudos já existentes. Além disso, contracorrentes do capitalismo se fazia presente no mesmo período, então fazer uma cidade vista em sua totalidade como mercadoria, seria alvo de futuros problemas.

Antes de iniciarmos o século XX, falaremos sobre o fenômeno que redefiniu tantas vivências da cidade, a criação e massificação do Automóvel.

O surgimento do automóvel está relacionado, de um lado, à acumulação de conhecimentos sociais e, de outro, à necessidade objetiva de melhoria das condições de locomoção, levando em conta a concentração urbana. Esta mercadoria, tal como o tear mecânico, a máquina a vapor, a geladeira, o computador, teve e continua tendo um papel importante na transformação da paisagem e das relações sociais. (SCHOR, 1999. pg 108)

Em 1885 é criado o primeiro automóvel, movido a gasolina e confeccionado para se movimentar até 18 km/h em 3 rodas, pelo engenheiro alemão Karl Benz. Em 1886 é Gottlieb Daimler que cria o primeiro automóvel com 4 rodas, que chegaria a até 16 km/h. Por ser uma novidade tecnológica à se acostumar e por trazer alguns perigos aos cidadãos, foi imposto a lei da Bandeira Vermelha. Essa impunha que para circular com o carro, na parte da frente e a pé, alguém deveria estar sinalizando com uma bandeira vermelha que o carro estaria passando. Após a primeira guerra mundial, os automóveis da linha Ford passam a ser fabricados em série, processo conhecido como Fordismo, e que se expandiu para as outras fabricantes de diversos produtos.

A partir da massificação desse meio de transporte, algumas práticas e vivências sociais surgem enquanto outras se transformam. A necessidade que se pode dizer mais importante para a criação de tal tecnologia foi a busca pela melhoria de locomoção, sem depender das ferrovias já disseminadas em 1830 ou de animais como cavalos. Assim como outros produtos já na época mercantilista, o carro passa a ter um valor além do de produção. A experiência traduzida no carro abrirá rumos de diferentes vivências do sujeito com seu semelhante, por exemplo, o espaço encontrado no interior de um carro pode se traduzir na individualidade, mudando as interações entre indivíduos que esperavam o trem ou quando sentando um ao lado do outro. Passa-se a contar a velocidade em que se pode chegar ao destino, e, quanto mais rápido, menos experiências serão vividas e menos histórias terão para se contar daquele lugar. Segundo a economista e mestre em geografia humana Tatiana Schor

(2004), o uso massificado dos automóveis faz com que “o tempo transforma-se em velocidade, em quilômetros por hora, e o espaço em simples meio: meio para circulação, para locomoção.” (SCHOR, 1999. pg 109). Traz em seu artigo, a transformação do meio em mercadoria (Debord 1992), seja o meio visto aqui o automóvel, o caminho pelo qual se passará, e a própria vida consumida de forma individualizada. Ainda seguindo a ideia de Debord em *Sociedade do espetáculo* citada sutilmente por Schor, ao transformar tudo em mercadoria, a sociedade andaria junto mas enquanto separada, olharia para o mesmo lugar mas de forma individualizada e alienada.

A urbanidade passa por modificações em escala devido a entrada dos automóveis. Foi incentivado, a partir da necessidade da nova locomoção, o espaçamento de ruas, transformando-as em largas, e algumas calçadas para que os pedestres pudessem ter sua movimentação o mais segura possível. O crescimento vertical das cidades e a desvalorização das praças e dos espaços públicos também foram resultado dessa nova tecnologia.

Em 1900 começam estudos de como deixar a cidade mais agradável de se viver, mas essa questão social ainda não suportava um campo de estudo, eram observações pontuais de alguns autores. Camillo Sitte (1889) é um dos poucos autores, citado por Jan Gehl que ainda se volta, em sua obra, para a “arte de construir cidades de um ponto de vista intuitivo e estético” (2018, p.39). Já o livro *Garden Cities of To-morrow*, do autor *Ebenezer Howard*, é descrito ainda por Gehl como “manifesto modernista da cidade a partir de uma perspectiva funcionalista” (ibid, p.40). Nenhum deles realmente estava preocupado com o viver da sociedade de forma agradável, suas obras eram levantamentos técnicos voltados para o bonito para os olhos e funcional para tecnologias. Tais problematizações iniciam um campo de estudo e iniciativas públicas para conter o caos na saúde, já que até então as iniciativas eram privadas e buscavam lucros. Um dos problemas mais observados era a poluição da água do rio Tâmsa. A busca pela solução faz emergir em 1848 a primeira lei sanitária *Public Health Act* lei que inclusive foi a precursora dos Códigos Sanitários Brasileiros. Esta então procurou dar melhores estruturas para várias áreas vitais abordadas por Abiko:

Abastecimento de água e controle de sua potabilidade, canalização de esgotos, drenagem de áreas inundáveis, abertura de vias e vielas sanitárias. Com preocupações sanitárias foram reurbanizadas várias cidades industriais

inglesas: Londres, Manchester, Liverpool, Birmingham, Leeds. (ABIKO, 1995, p.40).

Em 1960, tomam forças estudos sobre a vida na cidade, agora como ferramentas estratégicas onde o questionamento ultrapassa o funcionamento urbano no que diz respeito à saúde física e funcionalidades tecnológicas. Percebe-se o incômodo com os bairros emergentes, os quais não suportavam necessidades de apreciação ou descanso, apenas moradia e meio de passagem.

As pesquisas surgem visando juntar informações sobre todas as interações dentro do espaço público como se há lugar para se sentar, onde sentar, quem sentou, quanto tempo ficou, o que fez sentado, qual rua não fornece espaço para o descanso, o que há em volta de onde se senta e inúmeras outras questões com intuito de entender e melhorar a interação do cidadão com seu espaço. Utilizam-se métodos de pesquisa no estudo da *vida da cidade* como contagem, mapeamento, rastreamento, diário, traçado, fotografia, vestígios, caminhada-teste. Começam a perceber com esses levantamentos, que arquitetura não dava conta da parte sociológica. As doenças respiratórias da revolução industrial passam a ser resolvidas, porém desenvolvem-se as doenças de estilo de vida como cardíacas e maior incidência de câncer. Mudanças pontuais passam a ser mais importantes, não trabalhando nas estruturas arquitetônicas das cidades, mas na saúde quando se trata de aspectos sociais como trabalho, férias e tempo livre.

2.2 ESTUDO E PERCEPÇÕES DA CIDADE

Fenômenos dentro da história despertaram novas possibilidades de busca de identidade do sujeito e de como será planejada a cidade. A globalização por exemplo, possibilitou a troca de conhecimentos entre nações e a coleta da recapitulação local histórica de cada cultura. Há o início da preocupação com o sujeito, além do pertencimento encontrado no consumo disposto pela sociedade ocidental capitalista. Inicia-se um processo de entendimento da cidade como um organismo que está vivo pelas interações mediadas dentro daquele local, como trazido pela pesquisadora Pesavento.

Ao longo da década de 1990, a emergência de uma história cultural veio proporcionar uma nova abordagem ao fenômeno urbano. O que cabe destacar no viés de análise introduzido pela história cultural é que a cidade não é mais considerada só como um locus privilegiado, seja da realização da produção, seja da ação de novos atores sociais, mas, sobretudo, como um problema e um objeto de reflexão, a partir das representações sociais que produz e que se objetivam em práticas sociais. (PESAVENTO, p.3, 2007)

Calvino (1972), ao trazer a cidade fictícia de Zaíra no livro *Cidades Invisíveis* onde por meio de vários contos ele aborda diferentes aspectos das cidades, ele declara que “as relações entre as medidas do seu espaço e os acontecimentos do passado (...)” será o que determinará do que se compõe a cidade. Essa então “se embebe como uma esponja dessa onda que refluí de recordações e se dilata” (CALVINO, 1972p. 14).

Visando não apenas trazer a história da cidade de forma “quantitativa no que diz respeito à evolução” (PESAVENTO 2007), percebemos até aqui a cidade como organismo vivo que o tempo todo está se modificando em seu espaço físico e imaginário. As experiências que cada lugar proporciona no sujeito durante um longo percurso histórico, deixam resquícios significativos nas sociedades, como a religião, que até hoje demarca alguns centros e imaginários urbanos. As praças e locais públicos têm repetição de importância durante a história como o ponto de referência de várias cidades como a praça da Matriz, existente em várias cidades demarcando centros e pontos de referência. Percebe-se também a relevância da imponência da igreja em algumas cidades que ainda não se pode construir casas mais altas que essa construção. Na Grécia antiga, falamos sobre a Ágora e a forma de estar pertencendo à cidade e à comunidade, naquele local que propiciava a interação da vida coletiva. Ali se encontrava tanto a forma política ativa de viver, como o

entretenimento. Não diferente nesse aspecto de praças célebres, a cidade Medieval teve seus centros de estruturação nas praças públicas para comunicados, episódios fúnebres entre outras atividades anteriormente mencionadas. Nelas se assentaram comércios, prédios religiosos, centros políticos e administrativos. O renascimento também não foi diferente, com seus espaços públicos centrais mais voltados para as artes e cultura.

E finalmente, os períodos: industrial e moderno, que com o extenso surgimento de novas tecnologias e funcionalidades que passam a ser vigentes nos novos centros, modifica-se a estrutura procurando entregar a funcionalidade para a cidade e seus cidadãos mais voltado no que diz respeito ao trabalho e a indústria. Fez-se necessário a reforma dos espaços sociais para que a locomoção do sujeito se torne um lugar de experiência, deixando de ser mero local de passagem. Procurou-se mudar o urbano para que esse deixasse de ser voltado para indústrias e de existir para o consumo, prática surgida em maior escala pós Revolução Industrial. Com as iluminações públicas, o aparecimento de galerias, artes de rua, bancos de lazer entre outros, foi assegurado uma forma nova de viver a cidade, convidando essa nova oferta de urbano para o ato do caminhar ocioso. A partir dos letreiros coloridos, dos comércios chamativos, locais para tomar um café, o caminhar na cidade é transformado em uma atividade levada pela curiosidade, ou como propõe Debord (2003), levado pelo consumo. Procura-se com a nova estrutura, entregar essa possibilidade de livre passeio. Observa-se então um padrão no novo planejamento das cidades. Agora procura-se entregar o que a sociedade precisa para uma vida salubre: espaço para socialização, representação cultural, política e a entrega do comércio e estruturas básicas como abastecimento de água e iluminação. Essas características são consideradas prioridades como aparece em estudos como no livro *Morte e Vida de Grandes Cidades* (1961) da autora Jane Jacobs onde observando seu bairro residencial, ela procura entender o que é preciso para criar um bairro habitável, seguro e multifacetado.

Debord (2003) falará sobre a impossibilidade de viver a cidade, ele irá trazer em dado momento de seu livro, o *urbano como mercadoria*. Quando os meios de produção ditam os formatos da cidade, esses estabelecem a relação entre espaço e sujeito. O filósofo francês diz que a monopolização das imagens (e talvez dos símbolos) ali dispostos entregam possibilidades limitadas de viver e ser. Para ele, a relação mediada pelas imagens dispostas no ambiente urbano, tirariam a liberdade

de escolha da sociedade em agir em sua plena capacidade naquele espaço. Assim, quem usufrui a cidade teria apenas experiências específicas limitadas realizadas por serem o que já lhe foi predeterminado, entregando para as classes apenas o que seria de bom grado visto e então consumido. Calvino (1990) ao falar da Cidade do Desejo chamada Anastácia, aborda como naquele local de consumo e produtor de desejos “nada resta além de residir nesse desejo e satisfazer” (CALVINO, 1990. p. 16)

Entende ele que a fadiga produzida pelo trabalho intenso dará forma a desejos que, ao serem satisfeitos, passarão essa ideia de alívio, quando na verdade continua-se servo daquele local, o qual criará sempre mais e mais *pseudonecessidades*, termo utilizado por Debord em 2003 no livro Sociedade do Espetáculo.

Ainda sobre o urbano como mercadoria, teremos o turismo deixando de ser o ato humano de passar pelos locais, para se tornar o ato de consumir locais, de viver a representação que fora disposta daquele local para o viajante. Quando se procura uma cidade para visitação, o que é destacado para a escolha é a identidade única daquela cidade, a parte que se diferencia das outras. Daí apresentam-nos uma fábrica de “diferenças regionais” (SARLO, 2009). Como um logotipo de marca, a cidade é vendida como turística apenas quando essa pode ser representada por alguma característica física, demográfica ou visual, às quais são transformadas em seus ícones e símbolos. Também encontramos essas representa es simbólicas no meio verbal como “a cidade que nunca dorme” que mesmo não sendo um traço real da cidade, a representar  no imaginário de alguma forma, ou seja “Quer dizer que o logotipo não se elabora seguindo apenas às leis da produ o de mercadorias, mas antes um entrecruzamento simbólico entre real urbano e imaginário urbano.” (SARLO, 2009, p. 185)

Bauman faz uma análise em 2005 da sociedade urbana, tendo como base a obra “Mal-estar na Civiliza o”, livro escrito por Freud em 1930, onde ele aborda o medo como o sofrimento mais penoso do ser humano.

Discorrendo sobre a estrutura da sociedade moderna nas cidades, inicia sua crítica na cria o do indivíduo em volta de uma obsessão de um porto seguro dentro da civiliza o, ciclo que se inicia quando os pais querem passar aos filhos essa segurança para viver, e futuramente esses mesmos serão bombardeados de promessas feitas por políticos e publicidade, ofertando privacidade, prote o e exclusividade do outro. Quando com passar do tempo aquela criança cresce e percebe a fragilidade da carne/corpo humano, a inconstância da estrutura social e

que, nem como indivíduo ou como sociedade (apesar de ser o modo de sobrevivência dentro do meio ambiente), se é capaz de controlar a natureza ou prever com totalidade o que há por vir. O medo dentro dessa nebulosidade “cria a mais espetacular das carreiras” (BAUMAN, 2009. P.8). Como uma das consequências, geramos o medo do próximo. Pessoas se tornam mais individualistas e se distanciam, o que resulta no Individualismo Moderno de Castel (1998), ou seja, fazer por si, solidariedade escassa. O mercado não só acompanha como complementa esse estado atual, supervalorizando o indivíduo, o colocando em cobrança constante, substituindo a solidariedade por competição e quando o cidadão se percebe não tão importante assim, não tão único, se sente impotente.

No livro *Carne e Pedra* (2008), Richard Sennett comenta sobre a relação entre o consumo da mídia de massa e a movimentação narcótica pelas ruas da cidade, relacionando esse fator com as contínuas separações e exclusões vistas na sociedade. Ele entende que os bairros são planejados de forma a causar divisão de classe e etnias. Centros focados em comércios e escolas para evitar o contato com estranhos, assim como os condomínios e cercamentos vendidos como sinônimo de segurança e qualidade de vida. Podemos conectar aqui pontos abordados por Bauman (2009), em *Insegurança e Medo na Cidade*, onde o sociólogo explica um dos motivos do preconceito e exclusão de imigrantes, pessoas de fora do país em situação de vulnerabilidade que são “ameaça a nossa tranquilidade” por trazer de fora a imagem de que o nosso país, cidade, atores de poder, podem se desestabilizar a qualquer momento. Podemos relacionar também às novas bolhas de conteúdo que nos são dispostas, entregando apenas o que é bom para nós. Aqui temos a tela de computadores e bairros isolados na periferia e favelas, entregando o que é agradável principalmente para a classe burguesa, sendo essas situações consequências e reflexos desses problemas.

O século XXI trará inúmeras transformações e evoluções tecnológicas como a internet como ferramenta massificada que possibilitou o surgimento do ciberespaço o qual cada vez mais mostra ser um novo fragmento do espaço urbano. Leite explica sobre as mudanças ressaltadas no século XXI dizendo que “[...] tais transformações estão mais relacionadas ao processamento da informação e da comunicação diante de uma nova condição de tempo e associada a um novo espaço: o ciberespaço” (LEITE, 2006, p.26).

Outro fator que resulta em pontos falados anteriormente por Bauman (2009) é a globalização, a quantidade de informações e a tecnologia, como ferramentas que implantaram na busca por liberdade, mas resultaram numa fragmentação social. A internet pode ser vista como um refúgio da privacidade das pessoas na sociedade moderna, e como dito por Bauman (2009), uma “ferramenta de busca pela liberdade”, onde poderia se buscar tudo e, por exemplo, apagar o histórico se necessário. Quando as mídias sociais aparecem e se desenvolvem como um grande banco de dados pessoais, e, as procuras na internet se tornam filtros para empresas disponibilizar seus produtos com base nos seus dados e que são acessados por incontáveis lugares do mundo, regressa-se ao tópico sobre consumir a vida e que pode-se dizer que foi entregue uma sensação de liberdade e não ela própria.

Uma solução para Bauman perante o medo, é a prática da Mixofilia, o prazer de estar em um ambiente com pessoas desconhecidas. Solução essa que parece ter duas vias opostas quando colocamos em observação as mídias sociais, já que ao mesmo tempo que é entregue a possibilidade de estar e interagir com praticamente todos lugares do mundo (tirando aqueles de regimes totalitários), é mais provável que nos será entregue apenas a possibilidade de interagir com pessoas dentro do nosso filtro ideológico. Na interação ocorrida ao longo de uma caminhada na cidade, por exemplo, não há essa escolha tão enviesada por algoritmos, mas ainda encontram-se bairros divididos por classes e em alguns casos, localidades que concentram certos posicionamentos políticos e de construção social semelhantes entre os moradores, como uma bolha. A responsabilidade social para não continuar no ciclo dos juízos e valores limitados, pode estar em não ignorar ou excluir alguém de fora dessa bolha e em algumas vezes, se forçar a conhecer e/ou entender pontos de vista diferentes. Os desenvolvimentos de tecnologias da informação iniciam então a difusão do espaço virtual, como trazido por Leite (2006), promovendo experiências coletivas ou individuais nos lugares que nada mais são do que endereços eletrônicos que podem inclusive ser apenas lugares de passagem ou lugar de chegada, dependendo do caso.

A cidade física passa por adaptações nas possibilidades de uso quando se encontra a fusão entre ambiente tecnológico e o urbano. O avanço do meio tecnológico mudou algumas percepções como o conceito inicial de comunidade. No início do primeiro subcapítulo falou-se sobre comunidades como sendo um grupo de pessoas que se fixaram em algum local ao deixarem de serem nômades. Hoje as

comunidades podem ser virtuais, compostas por pessoas de diversas localizações que mesmo em movimento estão unidas por interesses em comum. Outra mudança vinda dessa fusão, diz respeito tanto na noção do ambiente físico quanto na criação do imaginário da cidade. Em contraponto à ideia que os sujeitos offline poderiam estar mais expostos a opiniões diferentes devido a inexistência da bolha algorítmica, Lévy (1999) citado por Fontes (2013), dirá que o indivíduo ao se encontrar em um ambiente em que há a troca (diferente das mídias unilaterais como televisão), a possibilidade de exposição de ideias, liberdade de expressão e, por fim, a quantidade de informação ali disposta, faz com que o sujeito *online* possivelmente seja “[...] um cidadão mais bem informados, politicamente mais ativos e socialmente mais conscientes que os cidadãos offline.” (LÉVY, 2005, p.376 apud FONTES, 2013, p.8).

Como falado antes, o ambiente digital teve um aumento significativo de uso durante a pandemia do Covid-19, onde com a aceleração da evolução ecológica digital, a *cidade digital* toma cada vez mais forma quando as relações comuns no ambiente citadino que interliga cidadãos e suas culturas, seus ambientes políticos, públicos e privados, passam a ser mediadas pela tela, passam a ser consumidos pela tela. Uma forma de mesclar o ambiente doméstico virtual com o urbano é a narrativa criada pelos usuários das mídias sobre a imagem das cidades.

O ano de 2020, com a pandemia do COVID-19 também trouxe, em um curto período, grandes modificações no ambiente demográfico, social e imaginário das cidades. Inicialmente fora solicitado em alguns lugares (e em outros demandados) que o cidadão se isolasse em sua casa, cortando a relação física com a cidade. Nesse momento, em que a atividade mais comum é privada, algumas dinâmicas cotidianas foram adaptadas. As interações sociais restringidas no que diz respeito a locomoção, limita o encontro de vivências plurais, agravando as situações como o individualismo, as doutrinas, a falta de diálogo e a bolha anteriormente trazida como resultado das problematizações de Bauman.

Houve, por exemplo, a mudança do local de trabalho para algumas áreas de atuação, trazendo a possibilidade de trabalhar em *Home Office* (trabalho de casa). A atividade laboral em casa chegou a 11%⁸ da população brasileira em 2020. Com uma queda de 260 mil pessoas no início de 2021, a porcentagem caiu para 9,9% da

⁸ INDIO, Cristina Número de trabalhadores em home office diminui em novembro de 2020. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-02/numero-de-trabalhadores-em-home-office-diminuiu-em-novembro-de-2020>>. Publicado em 02/02/2021.

população, ou seja, 21.047.400 brasileiros. Nesse momento, lugares de convivência, normalmente vividos na cidade, como caminho do trabalho, transporte, passeios em locais públicos, entre outros, deixam de ser praticados em sua totalidade. Os possíveis encontros no percurso e as confraternizações pós trabalho foram limitadas a serem vividas por uma tela de computador. Algumas iniciativas começam a surgir dentro de estratégias de comunicação em mídias, como museus disponibilizando visitas por meio de imagens em 360°, ou seja, imagens panorâmicas que cobrem toda a extensão de um giro completo; lojas físicas migrando para existir apenas no digital; pessoas físicas utilizando de uma câmera no pescoço e caminhando por cidades turísticas⁹ possibilitando ao espectador experienciar de forma fragmentada (sendo o fragmento o contrário do todo) a cidade ali capturada com suas atividades cotidianas mais comuns. Dentro desse fenômeno, foi observado o aumento de compras online juntamente com a aceleração da alfabetização digital para muitos daqueles que ainda tinham receio de confiar, principalmente, em pagamentos por meio digital. Alguns fechamentos de lojas ocorreram, mas em grande escala, percebe-se a migração do sistema híbrido no comércio de varejo também: a loja física e online são agora pré-requisito para se manter no mercado¹⁰.

Algumas mudanças de hábitos no que envolve a locomoção em cidades metropolitanas foram notadas. Inicialmente como supracitado, quando o trabalho em casa é disseminado, fora notada a possibilidade de não viver na metrópole, já que o deslocamento diária não é mais necessária para alguns, poderemos ter um aumento da desvalorização dos centros urbanos para realização de compras, a dispensabilidade de ir até um shopping ou camelódromos, transformando algumas cidades em *policêntricas*. Com o consumo sendo localizado ao redor dos lares, sem maiores deslocamentos, os bairros locais têm mais possibilidade de crescer. É importante salientar que para uma cidade passar por essas mudanças em sua estrutura, uma condição econômica maior deve já ter sido estabelecida, sendo mais provável então que essas modificações sejam encontradas em países desenvolvidos,

⁹ Vort-C Ambience. Porto Alegre Vida Noturna: Cidade Baixa BR | Rio Grande do Sul, Brazil | 【4K】 2021 Youtube. 24 de set. de 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=z0pso_CIEkQ&t=311s> Acesso 12 de ago 2021.

¹⁰ CONSUMIDOR ONLINE. E-commerce: o setor que cresceu 75% em meio à pandemia. Disponível em <<https://www.consumidormoderno.com.br/2021/02/19/e-commerce-setor-cresceu-75-crise-coronavirus/>> Publicado em 19 de Fevereiro de 2021. Acesso 17 de ago 2021

como dirá o estudo realizado em 3 meses de pesquisa feita pela Plataforma de Informação e Inteligência Especializada no Centro de São Paulo¹¹.

Além disso, no que envolve o cruzamento de urbano e doméstico, houve uma alta no consumo dentro dos aplicativos de delivery, deixando os entregadores¹² como um dos poucos experimentadores da locomoção dentro da cidade durante a alta da curva epidêmica¹³. Essas novas lógicas de viver observadas, que foram e estão sendo realizadas dentro das mídias, imersas nesse espaço virtual, explicitam o viver dentro de um meio tecnológico que se transformou em uma extensão da vida cidadina.

A fotografia, massificada com o desenvolver das tecnologias, teve um longo percurso e desdobramento de formatos, estilos, filosofias e segmentos, uma delas foi a fotografia documental para fins de preservar a imagem da cidade como um dia ela foi, seja para fins artísticos ou históricos. Para dar continuidade a esse trabalho, envolvemos agora o caminho histórico do ato de capturar um momento, um fragmento do espaço e do tempo, falaremos sobre a fotografia.

3. FOTOGRAFIA

A imagem é uma forma de comunicação tanto quanto a escrita, para muitos é considerada a linguagem mais universal, e desde sua popularização, seja em fotografia analógica ou digital, a fotografia é o que permanece como registro “fiel” das memórias de viagens ou de uma vida cotidiana. Mesmo sendo um momento estaticamente gravado, a imagem não compõe a experiência, a verdade ou a inserção naquele tempo presente, ela representa então uma “mera imagem da verdade” (SONTAG, 2004. P. 3).

O homem já construía dentro de si a ideia de representar, através de imagens, coisas ou eventos que faziam parte da sua realidade desde muito tempo antes dos primeiros meios de capturar uma imagem. As pinturas, encontradas na pré-história e localizadas nas paredes de cavernas, hoje conhecidas como pinturas rupestres,

¹¹ Report A Casa e a Cidade - impactos da pandemia na vida urbana, tendências e insights <https://info.avidanocentro.com.br/report-a-vida-no-centro>

¹² O trabalho de entregador sofre precarizações juntamente com a oferta de novos entregadores como diz o link a baixo

¹³ SOUZA, Felipe. Coronavírus: entregadores de aplicativo trabalham mais e ganham menos na pandemia, diz pesquisa. Publicado em 7 maio 2020. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52564246>>. Acesso 19 de set 2020.

mostram-nos por exemplo, como caçavam as tribos antigas, mas não se entende o motivo originário das pinturas. Pretendiam eles registrar o seu cotidiano? Ensinar para as próximas gerações como praticar algumas atividades? Rituais de passagem? O simples ato de fazer arte? Enfim, muitas são as possibilidades que rodeiam as intenções por trás das figuras. A literatura por si, antes da existência de foto livros, também tinha formas de criar “fotografias imaginárias”. Encontramos nas obras de escritores, descrições que se transformam em retratos de personagens e de paisagens, de modo a despertar no nosso imaginário uma construção de um indivíduo ou local.

Com a evolução das artes plásticas, tiveram momentos em que pretendeu-se criar uma imagem realista com esculturas de corpos humanos assim como na criação da imagem de deuses, semideuses e figuras de poder notórias de sua época, homenageados em pedras esculpidas. Retratos e paisagens pintadas em tela no período do Renascimento, buscaram em grande parte o realismo, a perfeição e a simetria. Retratavam-se as guerras de forma alegórica, já que a criação de um quadro demanda tempo, e, com o passar deste, o cenário conseqüentemente mudaria.

Apesar de possuir comparações durante o capítulo, não pretende-se aqui coloca-las como o mesmo tipo de arte ou prática, porém os estudos sobre artes plásticas podem ser usados para análises de símbolos e escolhas que compõe a fotografia, além de que a arte é essencial para o desenvolvimento dos debates filosóficos sobre a fotografia.

Com o decorrer do capítulo, pretende-se entregar uma breve evolução da história fotográfica, do surgimento até a sua massificação. A ligação da fotografia com a cidade se constrói e consolida ao longo da história, se manifestando nos mais diversos gêneros conforme será visto a seguir.

3.1 A EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA IMAGEM FOTOGRÁFICA

Traçar um único início em consenso para fotografia é extremamente difícil, já que durante os anos, diversos foram os estudos e tentativas do homem, inicialmente químicos, que procuravam estabelecer uma sistematização de como capturar imagens. Falaremos dessa linha do tempo utilizando em grande parte informações recolhidas do livro o livro *Tudo Sobre Fotografia* publicado em 2012 organizado e editado em grande parte por Juliet Hacking.

Alguns dos pioneiros de como realizar o processo fotográfico são: Alhazen de Basora, Ângelo Sala, Carl Wilhelm Scheele, Johann Henrich Schulze e Thomas Wedgwood. O físico e matemático Alhazen (965 – 1040 d.C), em busca de poder observar os eclipses solares, descreve um método para poder realizar esse objetivo com o uso de uma câmara obscura, a composição inicial desse método seria um quarto escuro com um pequeno orifício circular voltado para o exterior. Guimarães explica detalhadamente como funciona o processo da câmara em sua dissertação dizendo que

O fenómeno explica-se através de uma lei da física: a luz viaja em linha recta; se os raios reflectidos por um objecto bem iluminado passam por um orifício muito pequeno, feito em material fino, estes raios não se dispersam, mas cruzam-se e reformam, de “pernas para o ar”, numa superfície branca e plana no outro lado do orifício, uma representação – ou seja: uma imagem do real. (GUIMARÃES, 2009, p. 35)

Sua descoberta foi realizada muito antes dos próximos avanços sobre a fotografia. A Câmara Obscura foi adaptada e muito usada, principalmente a partir do Renascimento, para projetar imagens que seriam pintadas por artistas. Pelo fato dessa imagem não se manter por muito tempo na superfície, perdurando apenas enquanto a luz estivesse entrando no orifício, o pintor riscava em cima da imagem criada para fixar o traçado na tela e assim criar o quadro.

Em 1604 o físico-químico italiano Ângelo Sala utiliza do conhecimento sobre sais de prata e o escurecimento desses pela luz (prática já conhecida desde 1525) e se aprofunda mais no tema buscando formas de utilizar esse composto químico para produzir imagens. Ainda buscando o aprofundamento desse processo, o qual deixava algumas dúvidas para realização na sua totalidade, o professor de medicina na Universidade de Aldorf, Johann Heinrich Schulze, utiliza ácido nítrico, prata e gesso

visando dar continuidade aos estudos já dispostos e sendo base para os que estariam por vir. No início do século XIX, é realizado por Wedgwood um método parecido com o supracitado, como descreve Falcão (2019) “Colocou algumas folhas de árvores e asas de insetos sobre papel e couro branco sensibilizados com prata, expostos à luz do sol e conseguiu silhuetas em negativo.” (FALCÃO, 2019, p. 7).

O século XIX, marca o início de um percurso de 200 anos em que a fotografia se desenvolveu mais do que qualquer outra arte visual. Em 1817, O francês Joseph-Nicéphore Niépce, já familiarizado com o processo de impressão chamado Litografia, utiliza de cloreto de prata sobre o papel para realizar as primeiras figuras. Entrega ao mundo, em 1826, a possibilidade de capturar imagens pelo método nomeado por ele de Heliografia. Estando totalmente relacionada com o sol, como o nome já diz, o inventor utilizou de uma placa de estanho e o Betume de Judéia (derivado de petróleo fotossensível) e oito horas de exposição ao sol para que a câmara onde se encontrava o processo captasse o que hoje é considerado a primeira fotografia: a paisagem vista da janela de sua casa em Paris, onde identificamos traços que desenham as formas ainda pouco legíveis.

Três anos depois dos estudos começarem, Daguerre, se alia a Niépce para continuar o aprofundamento no processo. Niépce morrerá em meio de sua pesquisa em 1833, deixando para Daguerre concluir os estudos. Só 10 anos depois, ele entrega ao mundo o agora nomeado de Daguerreótipo, fazendo-o ser considerado o pai da fotografia. Porém eles não eram os únicos dois contemporâneos que buscavam pesquisar essa tecnologia da captação de imagens. Em 1833, o funcionário público Hippolyte Bayard utiliza de um processo químico independente, em que ele mesclou os processos de Daguerre e Talbot, e para retratar sua insatisfação de ter suas descobertas ignoradas pelo público, cria o “*Autorretrato de um homem afogado*”, onde ele monta um cenário e faz um autorretrato representando a sua morte.

Enquanto isso no Brasil, Hércules Florence, um francês que morava na cidade hoje denominada de Campinas, desenvolvia um processo para realizar a fotografia e identifica esta, pela primeira vez, com o nome *photographie*. No mesmo ano em que Florence requereu sua patente da descoberta na Europa, Daguerre busca o mesmo reconhecimento. Em 1839 Daguerre apresenta a captura de uma imagem feita pelo equipamento de desenho, o qual registra uma imagem que não poderia ser replicada, os artistas encaram a nova tecnologia de diversas perspectivas. Foi nomeada por alguns escritores da literatura de “*sun painting*” como traz Brunnet (2009) “de forma

um tanto irônica” (ibid. p. 7)²¹ já que o processo, como falado anteriormente, necessita da luz do Sol para recriar uma imagem da realidade. Muitos são os comentários da época dentro das artes, o escritor literário Baudelaire descreve a tecnologia nova como “serva da arte, a mais humilde das servas” (ibid, p. 9). Ele admirava em partes o avanço dessa tecnologia, porém acreditava que a fotografia não poderia ser genuinamente arte. Benjamin (1931) traz, em seu ensaio sobre fotografia, a citação de Leipziger Anzeige que traduz um dos pensamentos sobre a reprodução da imagem do homem e da natureza:

Fixar efêmeras imagens de espelho não é somente uma impossibilidade, como a ciência alemã o provou irrefutavelmente, mas um projeto sacrílego. O homem foi feito à semelhança de Deus, e a imagem de Deus não pode ser fixada por nenhum mecanismo humano. No máximo o próprio artista divino, movido por uma inspiração celeste, poderia atrever-se a reproduzir esses traços ao mesmo tempo divinos e humanos, num momento de suprema solenidade, obedecendo às diretrizes superiores do seu gênio, sem qualquer artifício mecânico (ANZEIGE, apud BENJAMIN, 1931 p. 92)

Pode-se ver então a insatisfação dele com a inserção da fotografia no campo da arte e ainda uma certa rejeição no que diz respeito à imagem recriada com perfeita fidelidade ao real e que isso interferiria com a criação divina perante a religião. Outro escritor que falará sobre sua perspectiva perante a fotografia será Edgar Allan Poe. Ele por sua vez vê a nova tecnologia como uma das mais fascinantes descobertas do homem.

Em 1841 o britânico William Henry Fox Talbot trás para os estudos da fotografia o processo conhecido como Calótipo²². Utilizando um papel resistente que receberia nitrato de prata e depois de seco, um banho de iodeto de potássio. O material era exposto à luz em uma câmera escura, a imagem poderia, com esse processo, ser fixada com mais eficácia. Era, entretanto, uma imagem em negativo, onde as tonalidades claras tornam-se as partes escuras da imagem e vice-versa. Por isso, a imagem resultante do processo na câmera obscura precisava sofrer um novo processo para a reversão dos tons. O processo com a câmera obscura ele chamou de Calotipia (e mais tarde foi chamado também de Talbotipia).

Em 1851 Frederick Scott Archer inventou uma solução química melhor que até então utilizada na câmera, essa seria a emulsão de colódio úmido. Essa foi uma

²¹Tradução livre da frase “In the first decades of its existence, photography was dubbed ‘sun painting’, a phrase often intended to be derisive [...]” (BRUNET, 2009. p. 7)

²² O nome é uma junção das palavras em grego “belo” (*kalos*) e “marca” (*tupos*).

alternativa criada para se utilizar o vidro ao invés do papel como suporte para o negativo. O papel, por ser um material fibroso e parcialmente opaco, prejudicava a nitidez da imagem na transposição para as cópias positivas. O vidro, então, passa a ser utilizado para solucionar esse problema. O colódio úmido é uma emulsão para aderir os sais de prata ao vidro. Mas este tem seus problemas: precisa ser utilizado úmido, pois, quando seco, perde a fotos sensibilidade. A gelatina do Maddox é que vem para resolver esse problema em 1871 por Richard Leach Maddox. Ela se daria em uma emulsão de gelatina e brometo de prata como substituto para o colódio. A placa seca de gelatina dispensava do fotógrafo a necessidade de preparar as suas placas.

Até aqui, as imagens para serem capturadas necessitariam de uma longa exposição de muitos minutos ou até horas para que a imagem saísse com qualidade. Para mudar essa realidade, J. B. Dancer em 1853 apresenta a primeira Objetiva, capaz de tirar fotos em um período de exposição de até 1/10 segundos. Em 1864, com as descobertas de Richard Leach Maddox, muda-se os químicos utilizados para e brometo de cádmio e nitrato de prata. Ele, ao utilizar da gelatina ao invés do colódio, possibilitando que deixasse de preparar as placas com os químicos momentos antes da foto, pois caso contrário, os elementos químicos antes poderiam perder as suas propriedades e não funcionar em sua totalidade. Agora pode-se vender placas prontas devido tal emulsão gelatinosa. Hannibal Goodwin em 1887 inventou a primeira fotografia que utilizaria a película de celulose, fruto da invenção realizada em 1862 de Alexander Parkes que registrou a Parkesina, primeira película da história.

Em 1869 Ducos du Haron desenvolve métodos para impressão de fotos coloridas. O primeiro seria o aditivo onde o branco seria o resultado das três cores azul, verde e vermelho. Como explica mais detalhadamente no livro *Perspectivas Imagéticas*²³ (2019), o processo poderia ser realizado de várias formas "[...] tanto pela projeção simultânea de três imagens monocromáticas sobre uma tela; tanto pela projeção das imagens em rápida sucessão na tela; ou pela formação de pequenas imagens monocromáticas justapostas." (MARCANDALI, 2019, p.49).

O outro método seria o Subtrativos em que, ainda segundo a autora supracitada, “três negativos são feitos separadamente com luz vermelha, verde e

²³ Sabrina Marcandali, João Fernando Marar e Eliande de Oliveira Silva são os três escritores do capítulo *Através da Imagem: A evolução da Fotografia e Democratização Profissional com a Ascensão Tecnológica*, no livro *Perspectivas Imagéticas*. (2019, p.49)

azul” (2019, p.49). Por fim, utilizou-se das cores usadas para elaborar o negativo para produzir os positivos copiando as três cópias de cada cor simultaneamente sob uma superfície de outro filme ou de papel branco.

Após as evoluções químicas, chega-se no período de grandes descobertas tecnológicas permeadas de um contexto industrial. A Kodak em 1888 lança a câmera fotográfica que possibilita o uso por indivíduos que não são especializados, não só pelo processo ser mais fácil como pelo preço mais acessível. Como Walter Benjamin irá trazer no seu ensaio *Pequena História da Fotografia*, até logo antes do processo de fabricação da Kodak, às atividades fotográficas “estavam mais próximas das artes de feira (...) que da indústria” (BENJAMIN, 1931, p. 92). Esse fator foi um grande impulso para a fotografia amadora e, portanto, para disseminação da prática fotográfica. Esse ainda revelaria apenas fotos em preto e branco, até por volta do ano de 1935 quando a Kodak lança o Kodachrome. Esse aparelho permitia a captura de imagens coloridas, porém a revelação dessa fotografia era tão complexa que menos de 25 laboratórios no mundo inteiro naquela época tinham a tecnologia para isso.

Em 19957, Smith (2018) conta sobre o engenheiro Russel Kirsch e a iniciativa do mesmo em digitalizar uma fotografia de seu filho. Somente em 1975 é que Steve Sasson cria o que é reconhecida hoje como a primeira câmera fotográfica digital. Ela pesava quase 4kg e suas imagens monocromáticas eram salvas em uma fita cassete depois de 23 segundos de espera. A grande sacada para a criação dessa ferramenta é que estava acoplado um dispositivo de carga, inventado por George E. Smith e Willard Boyle em 1969. Em 1988 as câmeras digitais da Fukix DS-1P são comercializadas com sensor de 0,4 megapixel²⁴ e cartão de memória da Toshiba. Câmeras como a Olympus IM01 em 1971 facilita o desenvolvimento para as próximas câmeras, já que essa teria o diferencial de poder utilizar objetivas (lentes) de qualquer SLR, iniciando a possibilidade de indústrias que produzem e comercializam lentes separadas das câmeras. O lançamento desse tipo de câmera é popularizado em 1991 quando a Kodak lança a primeira DSLR²⁵. Nesse período, grandes evoluções de tecnologias digitais iniciavam a propagação na sociedade. A década de 90 ficou

²⁴ A quantidade de megapixels que uma câmera possui diz respeito a qualidade que será encontrada na imagem. Um (1) megapixel é na verdade um milhão de pixels. Portanto, quanto mais megapixels um sensor tiver, maiores serão os detalhes que a imagem terá, e imagens de melhor qualidade serão geradas.

²⁵ DSLR é a sigla para Digital Single Lens Reflex. Uma câmera DSLR tem o corpo de câmera digital com o processo da SLR.

conhecida como o “boom da internet” pois foi quando ela se popularizou no mundo. Podendo se comunicar com qualquer lugar do mundo, um fenômeno já presente toma mais força, a globalização. A fotografia na internet com “o impacto revolucionário da digitalização” (HACKING, 2012. p. 550) mostrou a valorização muito maior da fotografia não impressa principalmente após a integração dessa nos aparelhos de celulares. Uma das ferramentas que a evolução dos computadores entregou foi o aprendizado da máquina com a leitura de imagens por algoritmos. Isso possibilitou a ideia de Erik Kessels (1956) que recolheu em um período de 24h todas as fotografias de pôr do sol publicadas no Flickr, Facebook e Google. Com esse levantamento das 24 horas de postagens, ele coletou em média 350 mil fotografias que mostravam a repetição de referentes, posicionamento do retratado e do fenômeno capturado e montou uma exposição que lotou uma galeria no Amsterdã.

Junto com a evolução da democratização fotográfica e da liberdade presente na criação, diversos gêneros surgiram, criando profissões, novos olhares e utilidades para aquele fragmento do real capturado.

3.2 OS GÊNEROS FOTOGRÁFICOS

A tarefa de engajar um receptor de imagens carrega um grande peso, levando em conta a quantidade de informações presentes em torno desta. A fotografia, sendo estática, deve trazer uma conexão quase que instantânea com o espectador das imagens, para que assim a torne relevante uma observação mais profunda e duradoura. Para que haja o conteúdo de destaque, é importante também reconhecer como escolher um estilo para expressar o sentido carregado na fotografia. Além disso, é interessante que o fotógrafo se coloque no lugar do receptor da sua fotografia, já que esse será o apreciador final e, o emissor, ao pretender entregar uma mensagem, precisa ter conciso que essa será passada com clareza, ou entendê-la de forma abstrata e pessoal.

A foto classificada como perfeita para Elbert (1856 – 1915), é a que consegue ser informativa, graficamente atraente, emotiva e íntima, porém a junção destes elementos não é sempre possível. As vezes a foto irá atender apenas questões como: Quem, que, onde, quando, como, por que, visando ser informativa; em outras ela tem o foco em elementos gráficos que engajem e encham o olho com estética; por vezes

ela fará o espectador ter emoções sobre o tema; e ela pode ainda fazer com que ele se sinta tão parte da situação quanto os próprios personagens. O que se pode tirar disso é que a fotografia tem o objetivo geral de capturar “aquilo que acontece em um piscar de olhos (...) sempre trazendo um elemento que a torne diferente de uma simples imagem” (TAVARES, 2018. P. 27).

A cidade tem sido um tema fotografado desde o início da possibilidade de capturar imagens -por exemplo a vista da janela de Daguerre- e a partir da evolução fotográfica, utilizou-se da fotografia para o estudo da vida na cidade e para registro do decorrer do desenvolvimento de regiões, culturas e arquiteturas.

Alguns nomes marcam os estilos fotográficos que emergiam. A fotografia de paisagens teve os principais fotógrafos, segundo SMITH (2018. P. 16) como Marc Gaudin em 1841 que utilizava do daguerreótipo para registrar as pessoas e o tráfego. Joseph-Philibert passou três anos entre a Itália, Grécia, Egito, Síria e Palestina, coletando mais de 800 daguerreótipos dos locais que visitou. A partir daí outros fotógrafos começaram a viajar para registrar lugares e sua passagem de tempo.²⁶

Outro nome a ser elencado é o de Charles Nègre, o qual trouxe pessoas em situações marginalizadas em um aspecto urbano, como ficou marcado em *Limpadores de chaminés caminhando*. Ainda devido ao longo tempo de exposição necessário para que da luz surja a imagem, a captura do momento instantâneo ainda não era possível, então a fotografia urbana ocorria em partes com o auxílio da direção do fotógrafo, ou seja, a cena era planejada e montada. Isso ocorria já que o tempo de exposição²⁷ seria alto para que a luz fosse capturada.

Etienne-Reynaud-Augustin Serres, professor e membro da Academia de Ciência de Paris, via o Daguerreótipo como uma ferramenta para estudos etnográficos e para pesquisas antropológicas. Mesmo assim, o uso comercial começa a ultrapassar a linha da arte, por vezes transformando aqueles grupos sociais antes excluídos, em *produtos fotográficos*. Com produtos fotográficos, Hacking (2012 p. 55)

²⁶ Entre eles temos: Jules Iter em 1843 que viajava para realizar capturas em uma missão diplomática por Cantão e Macau, Franziska Mollinger em 1844 nas montanhas suíças, William e Frederick Langenheim em 1845 que fotografam as Cataratas do Niágara, emoldurada e presenteada a Daguerre, John Plumbe em Washington, Charles Fontayne e William S. Porter que com uma imagem panorâmica capturam Cincinnati, Robert H. Vance na Califórnia, Eliphalet M. Brown no Japão e por fim novamente os irmãos Langenheim agora em 1853, que acompanham um eclipse solar resultando em oito daguerreótipos.

²⁷ O tempo de exposição é referente ao tempo em que a lente ficará “aberta” recebendo luz. Quando mais tempo aberta, mais luz entrará e mais clara a fotografia pode ficar, porém essa imagem ficará borrada pois o mesmo tempo que define a quantidade de luz que entra, também será o tempo em que a câmera ficará capturando a imagem em frente a lente.

e outros autores diriam que as personalidades públicas ou grupos em situação de vulnerabilidade tornam-se produtos que podem ser comercializados, alguns filósofos chamaram de retificação, ou coisificação.

A Revolução Industrial e a migração em massa dos campos para a cidade deram aos fotógrafos a circunstância perfeita para capturar o fluxo e a efervescência da atividade humana. Exemplo já citado por aqui é a obra *Limpadores de chaminés andando*. Começa a surgir a fotografia de rua. Outros dos principais fotógrafos segundo SMITH (2018 p. 17) são Jacob Riss (1849-1914), Eugène Atget (1857 – 1952), Alice Austen (1866 – 1952).

Henri Cartier-Bresson (1908 – 2004) também deixou sua marca tanto nesse último estilo da fotografia de rua quanto no fotojornalismo. Ele irá escrever livros onde deixa a mostra a sua intimidade com o ato de capturar momentos espontâneos. Ele irá trazer a perspectiva de que “A realidade nos oferece uma tal abundância que devemos cortar ao vivo” (BRESSION, 1952. P.16). Ainda fala da importância do enquadramento, do quanto o pouco pode significar mais aos olhos e da sua preferência por momentos não planejados e montados. Em seu texto usa a frase “a anarquia é uma estética” (BRESSION, 1952, p. 141). Podemos ver com essa última citação como o “desorganizado” e o “orgânico” é a forma que ele enxerga o caos que compõe uma parte da estética usada nas suas fotografias.

A fotografia de rua foi então utilizada para estudos sobre as cidades e tribos e transformou-se em gênero quando as câmeras ficaram mais portáteis, o que possibilitou a captura da vida presente no local, sem a necessidade do acontecimento permanecer estático ou de uma montagem em estúdio. Tavares (2018) escreveu um livro especificamente sobre a fotografia de rua, abrindo para as discussões das técnicas presentes nas profissões de fotojornalista, fotógrafo documental e fotógrafo de rua. Também no livro, ele fala da cidade, palco das fotografias e como dito por ele “palco da vida” (TAVARES 2018, p. 25), de forma a pensar sobre a relação das pessoas no cotidiano, sobre os direitos de imagem e outros autores e fotógrafos que entregam filosofia em cima da fotografia. Ao abordar a vida cidadina, discorre sobre o diferente posicionamento do sujeito exposto quando fora de sua casa, ou seja, a adaptação do indivíduo ao estar nas ruas de alguma cidade, o qual dispõe de máscaras e personagens interpretados ao deixar a segurança e conforto de sua propriedade privada. Portanto, ele diz que ao sair para fotografar na rua, procura-se não “as pessoas despidas de suas máscaras. Pelo contrário, fotografamos apenas

um personagem e, se tivermos sorte, um grande personagem, digno de ser celebrizado em uma imagem.” (ibid). Ele trará também a ideia de que a fotografia de rua, diferente do fotojornalismo, trará mais liberdade no momento em que não se busca corresponder a um briefing ou pauta, e sim a busca ou a espera por algo ou alguém que vale ser fotografado. Ou seja, a rua entrega praticamente todas as atividades cotidianas, sendo justo capturar momentos comuns e não grandiosos ou notórios, mas sim a vida acontecendo na sua mais simples forma.

Outro ponto levantado por esse autor é sobre a inserção ou não de pessoas na fotografia. Defende ele o ponto de que não há necessidade, ele entrega que a vida na cidade pode ser representada sem o sujeito em si, mas sim uma sombra, um rastro, ou detalhes que envolvem o elemento humano, mas não o entregam na sua totalidade, como mãos ou sapatos, mas que entregam o momento em que “a vida está acontecendo” (ibid, p. 27). Mas se podemos ter elemento humano ou eventos nas ruas sendo capturados, o que realmente define a fotografia de rua? A resposta para o autor se dá na intenção, “[...] o objetivo, a maneira como ela é composta e a mensagem que passa.” (ibid, p. 59). O foco, por exemplo, nas linhas de um prédio se traduz na fotografia de arquitetura. A modelo que tem como fundo a cidade, continua fazendo parte de uma fotografia de moda. A fotografia de um barco ao longe do horizonte será uma fotografia de paisagem. Ao aproximar-se do barco, capturando a atividade humana envolvendo o barco, essa sim pode ser chamada de fotografia de rua.

O fotojornalismo cobrirá desde a política, sociedade, esportes, guerras, indústria e entretenimento. Estando presente em praticamente todos os âmbitos da vida social, esse estilo se tornará um dos mais presentes no cotidiano. A linha entre fotojornalismo e fotografia documental é tênue. A ideia que pode ser considerada central, é a de que: enquanto o fotojornalismo, sendo uma especialização do jornalista, pretende entregar de forma mais direta possível a ilustração da matéria, não deixando margem para interpretação própria, a fotografia documental “tem como prioridade desenvolver um trabalho mais interpretativo e elaborado” (REZENDE, 2014). O papel notório do fotojornalismo dentro da mídia de massa é indiscutível²⁹. Havia uma resistência do público e dos editores de jornais e limitações dos sistemas

²⁹ A fotografia documental, ao explorar temas mais profundamente, ultrapassa o tamanho disposto pelas manchetes e matérias. Com o avançar deste trabalho, o documental irá em direção do ativismo, que deixa margem para opiniões pessoais e interpretação livre do público.

de impressão o que colaborou para que demorasse um pouco para a fotografia no jornal se inserir em grande escala. Entre os anos de 1930 e 1950 esse estilo atingiu sua época de ouro. De frente a ação, os fotojornalistas necessitam estar frente a frente seja com o perigo da guerra, do azar de um equipamento quebrar com alguma bola ao fotografar um esporte que foi em direção a sua câmera, até o caminhar com a câmera em grandes aglomerações.

A Etnografia ganha então um auxílio visual com tal ferramenta imagética para o estudo das pessoas e suas culturas. Como falado antes, pessoas em situação de vulnerabilidade, comunidades marginalizadas e minorias étnicas é um dos focos dos fotógrafos desde as primeiras possibilidades de capturar imagem. Étine Serres é citado por Smith como “um dos primeiros a ver o valor da fotografia para os estudos etnográficos e, no início da década de 1840, formou uma equipe para usar o meio”. (SMITH, 2018, p. 26).

Dentre os estilos fotográficos, o monocromático foi a base de todas as fotografias até aqui pois teriam essa “limitação”, mas isso não fez com que não fosse possível exercer atos de criatividade como testar diferentes tons na hora da revelação, muito menos tirou o fascínio causado por essas imagens. Mesmo após a descoberta do processo em cores, muitas das áreas fotográficas preferiram continuar no preto e branco, principalmente no que diz respeito aos trabalhos documentais e de fotojornalismo.

Já muito conhecido nas pinturas, o gênero que se proliferou rapidamente na fotografia foi o retrato. Essa prática buscava capturar a identidade e aparência física de uma pessoa. O retrato começa a ser disseminado logo um ano após a imagem da avenida parisiense retratada por Daguerre. O processo para fotografar exigia segundo Smith, “muita paciência da pessoa fotografada” (SMITH, 2018, p. 15) já que ela deveria ficar estática ali por mais de um minuto. Do retrato temos também a importância para a moda quando se utilizou das fotografias para promover as estrelas de cinema e o início da disseminação de imagens de como eram perfeitas as vidas de tais celebridades, ou pode-se dizer, fotografia que entregam um estilo de vida.

É lançado então em 1851 com o pioneiro Louis Agassiz um álbum com diversas cenas de gênero e a prática do estudo de personagens. Ele começa fotografando trabalhadores agrícolas de sua propriedade, jogadores de cartas e açougueiros. Essa execução de formato não era muito proliferada até então, já que quando se tratava de indivíduos fora de classes sociais altas e pessoas com características físicas

diferentes das ocidentais, as convenções estabelecidas até diriam que essas figuras não eram “dignas de retrato”. Também uma forma de se manter no trabalho da arte, praticada pelos retratistas, era reforma das fotografias de retrato pequenas como as 3x4 que conhecemos hoje. Pintores usavam da sua experiência para refazer partes gastas da foto. Outro aproveitamento dos retratistas foi os conhecimentos de enquadramento, direção de modelo e conhecimentos simbólicos, o que fez com que boa parte desses artistas migrassem para fotografia e encontrassem ali uma forma de continuar eternizando personalidades dentro da arte. Os retratistas e pintores realistas agora veem-se numa posição de reinvenção necessária, já que, mesmo com seus dotes de pintar a realidade com geometrias regulares, simetria e detalhes, a fotografia entregava a mesma possibilidade de forma mais barata, rápida e com outros estilos e possibilidades de arte.

Com isso, contemporâneo às evoluções da fotografia, teremos movimentos artísticos voltados para outros tipos de produção artística, novos e autênticos que utilizam diferentes traços. Teremos então Arte Nouveau (1890–1910), Impressionismo (1865-1885), Pós-impressionismo (1885-1910), Fauvismo (1900-1935), expressionismo (1905-1920), cubismo (1907-1914), surrealismo (1916-1950), o expressionismo abstrato (1940-1950) etc. Todos esses sucedem um período extenso em que o ser humano buscava representar a realidade na sua minúcia e totalidade, que agora com a fotografia perdem o sentido³⁰. Não se pretende afirmar aqui que a fotografia foi o único motivo pelo qual iniciam-se novas formas de produzir arte. Diz Arago que “Quando os inventores de um novo instrumento o aplicam a observação da natureza, o que eles esperavam da descoberta é sempre uma pequena fração das descobertas sucessivas, em cuja origem está o instrumento” (ARAGO, apud Benjamin p. 93, 1931).

³⁰ Falando respectivamente dos movimentos citados acima, iniciados após os movimentos que buscavam a perfeição técnica do espelho da realidade, iniciam-se as invenções com a Arte Nouveau, que mesclava arte gráfica e ilustração, utilizando linhas e curvas tortas; o impressionismo seria uma forma rápida de capturar o que se deseja, resultando em quadros com o que poderia parecer um esboço; o pós-impressionismo começará a trazer o abstrato com mais potência, utilizando de símbolos e formas subjetivas; o Fauvismo tem sua base nas cores fortes chamativas e geralmente fora do real; o expressionismo, surgido no auge da Revolução Industrial e questionamentos sobre espiritualidade que cercava a realidade, buscava esse movimento expressar os sentimentos do artista com traços de formas conhecidas na arte tribal; o cubismo que como o próprio nome diz, vai trazer formas geométricas na composição do quadro; o surrealismo também entregue pelo nome, irá trazer um mundo irreal com figuras que não procuram ser racionais, inspiradas em teorias recentes levantadas por Karl Marx e Freud; e por fim dos poucos movimentos aqui citados, o expressionismo abstrato rompe com a técnica convencional e busca ir pela deriva, espontaneidade, improvisação; pelo figurativo e experimental.

Assim cabe à fotografia, aos novos instrumentos, aos meios de comunicação e aos movimentos artísticos, literários e entre todos os outros: agir em um ecossistema natural em que se está sempre em evolução.

O pictorialismo viria a surgir no início da prática de fotografar, já que esse estilo tinha como base a “qualidade estética da pintura” (SMITH, 2018, p. 13). Surgida do pensamento antes comentado onde a fotografia não é arte, Henry Peach Robinson fala em seu livro *Pictorial Effect in Photography* (1869) sobre a necessidade de representar a realidade de forma mais fiel possível para tornar-se um artista genuíno. Uma contracorrente ao movimento pictorialista foi a chamada “Fotografia Pura” onde se contestava essa inacabável discussão em que constantemente se comparava a pintura com a fotografia. Ao invés dessa argumentação, queriam que se aceitasse o novo processo como algo separado do que se conhecia até então, mesmo banhado de referências do que já havia existido na arte, a fotografia teria sua “personalidade própria”. Sontag entra nesse debate anos mais tarde tal contracorrente iniciar. Ela acredita na transparência seletiva, onde a captura nem sempre poderá escolher todos os elementos da imagem, diferente da pintura em que temos uma composição estritamente seletiva. Mesmo assim, ela acredita que ambas as formas de arte interpretam o mundo em alguma instância.

A digitalização da fotografia teve impactos que fortaleceram meios de comunicação online, e disso, surge o uso massificado das mídias, local onde tal gênero se proliferou. Muito presente após a massificação da fotografia, o estilo fotográfico denominado *selfie* compõe-se de um autorretrato tirado no ângulo em que a pessoa que tira a foto retrata a si mesmo enquanto tem a câmera na mão. E em muitas vezes sem planejamentos de luz, composição ou tratamentos gráficos. O termo foi usado pela primeira vez em 2002 em um fórum online. Tal estilo levantou questões para debate como o do narcisismo. Uma discussão em volta do gênero que gerou mobilizações e intervenções, foi a de filtros utilizados em *selfies*. Esse tipo de recurso possibilita, em alguns casos, deixar o rosto sem marcas naturais construídas socialmente como incômodas a beleza, entregando para o sujeito uma imagem “perfeita” de si mesmo³¹. Essa desconfiguração do rosto, gerou um aumento nas

³¹ E, se cabe o comentário, colaboram para a ideia de que o envelhecimento não é natural.

cirurgias plásticas e uma grande preocupação em volta da ansiedade social, distúrbios alimentares³² e depressão³³.

Sontag (1983) traz a importância da fotografia na história e no âmbito social. Fala sobre a ligação da fotografia com a verdade e como essa invade o corpo (sensações físicas) das pessoas. Sabe-se que a imagem não pode contar a história toda, muito menos garantir veracidade de fatos, pois tudo depende do viés, por “imperativos” tanto da pessoa que fotografa quanto a que publica. Mesmo assim podemos ter o pressuposto de que “algo existe ou existiu, e era semelhante ao que está na imagem” (SONTAG, 1983, p. 16).

Recusando-se a experiência real, o ato de fotografar e “converter a experiência em souvenir” (SONTAG, 1983, p. 20), a fotografia vira uma forma de provar que estava lá, de se esbaldar em possibilidades, de comprovação de participação. Também aqui podemos assimilar o que ela diz sobre o ato de fotografar torna a pessoa em alguém ativo, enquanto isso quem é espectador se torna passivo.

No século 21, a fotografia alcançou a massificação digital, sendo encontrada em praticamente todas as marcas e modelos de celulares, aparelhos que são utilizados por grande parte da sociedade. Popularizada, ela é utilizada para o registro do que o usuário quiser, ou seja, tudo. Susan Sontag (1983) traz a possibilidade de gravar momentos e a abundância de material coletado e arquivado desde o início em 1839, que fez com que esse novo “código visual” transformasse o ato de observar em uma seleção de importância visual e escolha de absorção. De forma similar, Baudrillard irá falar sobre a recepção das informações quando estas chegam em abundância, dizendo que

“Em tempos de carestia a preocupação está voltada para absorção e assimilação. Em épocas de superabundância, volta-se para rejeição e expulsão. A comunicação generalizada e a superinformação ameaçam todas as forças humanas de defesa” (BAUDRILLARD, apud HAN, 2020, p. 86)

Então, se anteriormente nesse capítulo trouxemos o autor Tavares (2019) que afirmava valor em todos os momentos para serem capturados, hoje pode-se refletir que tipos de acontecimentos valem a pena ou simplesmente chamam atenção para

³² Associação do uso de mídias sociais com o comportamento alimentar e o risco de transtornos alimentares e nutricionais em estudantes universitários. Disponível em <<https://monografias.ufop.br/handle/35400000/3573>> Acessado em 18/11/2021.

³³ Disponível em <<https://repositorio.pucgoias.edu.br/jspui/handle/123456789/641>> acessado em 18/11/2021.>

serem olhados. E por antigas que as análises da autora Sontag e do autor Baudrillard, elas ainda são muito válidas e pertinentes para se pensar na fotografia.

Mais do que nunca, “as promessas inerentes da fotografia” (SONTAG, 1983. P. 18) de democratizar a imagem e o acontecimento nela são extremamente presentes, chegando a um ponto de saturar experiências fotografadas. Além disso, a farta possibilidade de fotografar teve consequência da atividade nem sempre estar relacionada à arte, mas sim a um “rito social, uma proteção contra ansiedade e um instrumento de poder” (ibid. p.18).

As mídias sociais, como falado anteriormente, propiciam a proliferação de imagens, servem como um banco de imagens dos mais comuns acontecimentos da vida cotidiana, e, pode entregar para o usuário a sensação de que sua experiência valeu a pena ao compartilhá-la com outras pessoas.

3.3 TECNOLOGIAS DO IMAGINÁRIO E O INSTAGRAM

Para abordar as tecnologias do imaginário, tema desenvolvido por Juremir Machado da Silva (2020), é importante contextualizar o caminho percorrido por alguns autores sobre o imaginário até chegar nas plataformas de mídia e como essas intermediam também formas de imaginário. Ao falar da definição do imaginário, Silva (2010) descreve-o mostrando a relevância desse tema para o trabalho aqui desenvolvido já que este se refere as experiências partilhadas

Mas este deve sempre ser entendido como algo mais amplo do que um conjunto de imagens. O imaginário não é um mero álbum de fotografias mentais nem um museu da memória individual ou social. Tampouco se restringe ao exercício artístico da imaginação sobre o mundo. O imaginário é uma rede etérea e movediça de valores e de sensações partilhadas concreta ou virtualmente. (SILVA, 2020, p. 9)

O imaginário surge dos estudos sociológicos de vários autores que se completam, discutem e buscam abrir de diversas formas explicar como por exemplo, o processo das relações sociais, de crenças e desejos que constituem o imaginário. Autores como Juremir Machado, engloba todos os principais autores desse campo de estudo, incentivando um debate entre seus respectivos estudos.

Um autor já citado neste trabalho foi Guy Debord, com sua obra Sociedade do Espetáculo (2003), tema voltado para a sociologia da imagem. Ele irá fazer uma crítica as formas de produção do sistema capitalista, principalmente no que diz respeito as relações intermediadas pelo que ele chama de espetáculo. Esse último termo é explicado como a única forma em que se vive dentro desse sistema. Para o autor, o viver transformou-se em um consumir, seja a própria vida, a cidade, a relação com o outro. Ele baseia-se em 3 conceitos muito importantes para Marx: O Fetiche – Produto deixa de ser “objeto” e possui apenas valor de uso e passa a ter preço virando “mercadoria”; Alienação – O que é retirado do trabalhador (meios de produção e produto final); luta de classes – Divisão de duas classes com interesses inconciliáveis, onde uma existe através da exploração da outra.

Ainda segundo o autor, a sociedade é vivida agora através da representação, de uma imagem que intermedia sua visão tanto na sociedade quanto de si mesmo. É importante contextualizar que o autor não teve contato com a massificação das mídias em que o receptor tivesse a possibilidade de ser ativo como é possível nas

plataformas online, entendendo ele que o receptor é sempre passivo e que como consequência disso, o receptor experencia uma falsa sensação de escolha. O espetáculo então é a relação social mediada por imagens; é a representação lapidada do mundo entregue por quem domina o sistema de produção. O espetáculo enquanto formador de representações da realidade, retira a possibilidade tanto da sociedade em si quanto do indivíduo de agir/atuar ativamente em seu pleno poder. Enquanto ditador de premissas, da concentração de todos os olhares e toda ação, o espetáculo “reúne o separado, mas reúne-o enquanto separado” (DEBORD, 2003. P.25).

Sobre uma relação da teoria da imagem disposta por Debord, com o imaginário que se busca explicar aqui, pode-se comparar o espetáculo com a religião, o ato da teologia há de explicar a realidade com o místico; no espetáculo capitalista o místico está no fetiche (feitiço) da mercadoria. Ilusão religiosa parecida com a da época cristã, porém agora seria uma “religião do capitalismo”. De forma concreta, a mercadoria como produto final é sensível, palpável porém apenas na sua superfície. O supersensível se dá no significado mistificado colocado através das imagens; o como ela é apresentada e do valor que será atribuído, a partir daí teremos o fetichismo da mercadoria. Então, para fazer a ligação entre o espetáculo e o imaginário, podemos falar da falsa sensação de escolha e de viver, mas que entrega de alguma forma uma experiência e um imaginário coletivo. Vygostki diz que

A atividade criadora da imaginação depende diretamente da riqueza e da diversidade da experiência anterior da pessoa, porque esta experiência constitui o material com que se criam as construções da fantasia. Quanto mais rica a experiência da pessoa, mais material está disponível para imaginação dela. (VYGOTSKI, 1996, p. 22 apud PESSOA, 2020)

Uma forma de ilustrar o conceito do imaginário, visto dessa forma não só por Debord, e que também engloba o fetichismo e a religião, seria por exemplo o Stalinismo. Como regime ditatorial utilizou da relação mediada por imagens para transmitir sua ideia única aceita. Criou-se desse líder ditatorial, uma concepção generalizada do seu governo para resto do mundo, transmitindo uma imagem, desenvolvendo parcialmente uma percepção coletiva.

Um período histórico muito importante para a pluralização de diversas formas de viver e possibilidades de interação e identificação, foi a Globalização. Surgida após a queda da União Soviética, a globalização impulsionou a ascensão do capitalismo liberal e das multinacionais assim como a circulação mundial de mercadorias. Junto

dessa disseminação de conteúdos voltados à economia empresarial, há de se atentar para a propagação de amostras e exposições de artes que eram expostas lado a lado como a publicidade, a moda e reportagens de guerra, juntamente com fotografias, que “abordam questões de migração, à ecologia, à diásporas e desigualdade econômica, sejam elas detratoras ou defensoras da globalização.” (HACKING, 2018, p. 546). Na medida em que as mídias avançam³⁷, dois pontos ganham nuances: o conhecimento sobre novas culturas e as novas maneiras de consumir. Esses resultam no incentivo ao debate sobre a realidade do indivíduo, inserido em alguma sociedade, que percebe novas possibilidades de identificação, palavra última com valioso significado quando tratamos de executar uma análise utilizando como um dos objetos de estudo a mídia social.

Para além dos estudos sociológicos, é interessante abrir espaço para falar sobre a evolução das ferramentas de mídias sociais e como caminhos na história corroboram para que a plataforma seja uma boa escolha de objeto para coleta das imagens já que, dentro dela ocorre virtualmente a troca de experiências compartilhadas.

As plataformas de mídia onde ocorrem as publicações de imagens estão em constante mudança. Do uso delas se remodelou a comunicação e interação entre pessoas, criou-se redes entre marcas e públicos, artistas e fãs.

Lançado por Kevin Systrom e pelo brasileiro Mike Krieger em 2010 o Instagram estava disponível apenas para o sistema operacional da linha Iphone (ios). Inicialmente a mídia se concentrava em uma rede para publicação de fotos voltada para o celular. Hoje a plataforma faz parte da empresa Meta e desenvolveu-se para possuir meios de criação e publicação de vídeos, chats privados e em grupo, filtros de imagem, ferramentas para lojas, empresas e para pessoas jurídicas entre várias outras possibilidades de instrumentos. A plataforma se tornou um dos aplicativos mais promissores da App Store. Segundo a plataforma de informações sobre tecnologia Canaltech⁴⁰ “Em apenas um ano, o Instagram já contava com dez milhões de usuários”.

³⁷ Importante destacar que tais fenômenos de comunicação existem desde os desenvolvimentos de Gutenberg no que diz respeito as invenções mecânicas de tipos móveis que deu início à Revolução da Imprensa e que a evolução das mídias atuais apenas contribuem para o desenvolvimento generalizado e globalizado desta.

⁴⁰ Instagram. Disponível em <<https://canaltech.com.br/empresa/instagram/>> Acesso em 24/11/2021.

Segundo uma matéria do portal Etus⁴¹, hoje o Instagram possui 1,22 bilhões de usuários.

Desde seu lançamento em 2010, o Instagram incentiva o compartilhamento de diferentes referentes, e pode-se dizer que a estética é voltada majoritariamente às comidas, viagens, piadas, intervenções artísticas e o autorretrato denominado *Selfie*. Em uma pesquisa da revista Época Negócios de 2019, o Brasil surge em segundo lugar como maior tempo gasto em mídias sociais em geral, sendo 225 minutos diários em média⁴². O interesse que leva ao uso gira em torno de informações sobre sua profissão ou área de atuação (13,4%), notícias em geral (10,2%), tecnologia (9,9%) e humor (8,7%)⁴³. Ainda na pesquisa da Época Negócios, percebe-se o Instagram, como a mídia que apresenta o maior índice de engajamento em 2019, apesar de ocupar o sexto lugar por usuários ativos.

Hoje com a aperfeiçoamento de qualidade em câmeras digitais dentro de celulares, há a disponibilidade de captura dos acontecimentos em praticamente todo lugar. Além da câmera com uma boa qualidade, o aparelho móvel, a internet mais a globalização, mostra todos os conteúdos de maneira excessiva, resultando na convivência com imagens de acontecimentos “pesados” e a naturalização da violência, seguida de uma indiferença sobre movimentos importantes de serem acompanhados, observados e valorizados. No ano de 2020 com a pandemia da Coronavírus, com o momento de crise social onde o afeto humano é restringido, vê-se a modificação em grande escala da plataforma.

Os estudos sobre as plataformas de comunicação antes da pandemia, já se davam em torno de notícias falsas, conspirações e informações sem credibilidade, compartilhadas nas redes sociais.

Para evitar as *Fake News* os sistemas desenvolvidos anteriormente e refinados para a situação atual, ganharam força na identificação de postagens a respeito do conteúdo sobre o vírus, apagando notícias falsas quando identificadas, tirando perfis da Seção de Recomendados relacionados ao Covid-19 quando não estiverem atrelados às instituições de saúde. Também para evitar a proliferação de informações

⁴¹ Gonçalves, Tálita. As maiores redes sociais em 2021. Publicado dia 21 de jun de 2021. Disponível em <<https://etus.com.br/blog/as-maiores-redes-sociais-em-2021/>> Acesso 24/11/2021.

⁴² Brasil é 2º em ranking de países que passam mais tempo em redes sociais. Publicado em: 06 set 2019 Disponível em <<https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/09/brasil-e-2-em-ranking-de-paises-que-passam-mais-tempo-em-redes-sociais.html>> 2019 Acesso: 20 de ago 2021

⁴³ SOUZA, Ivan. 2019. O que disse o cenário de tendências de conteúdo em 2019 Disponível em <<https://rockcontent.com/br/blog/cenario-tendencias-conteudo/>> Acesso 20 de ago 2021

danosas à saúde, quando pesquisados os termos “coronavírus” e “Covid-19” no Instagram⁴⁴, é mostrado uma mensagem em destaque sugerindo que, se o usuário está a procura de informações sobre a doença, que se dirija ao site do governo disponibilizando na tela o link do mesmo, antecipando a procura de fontes confiáveis. Mesmo assim, ocorreram incidentes onde pessoas foram a óbito após ingerir álcool etílico, carvão e outras substâncias apontadas falsamente como preventivas ou até como cura do vírus.

No primeiro capítulo, foi abordado sobre as reestruturações do urbano que teve uma das motivações a disseminação de doenças respiratórias causadas pela grande quantidade de indústrias no meio da cidade, no último subcapítulo, temos às doenças causadas pelo sedentarismo e uso exacerbado e constante de celulares, computadores e distorção da autoimagem que causam danos e transtornos psíquicos. Ainda assim, é indiscutível que no período de isolamento, mais do que nunca as mídias sociais são bengalas para não se sentir sozinho. Um exemplo do novo uso em que se vê essa relação é o despertar das *lives*⁴⁵, modo de se comunicar ao vivo com seguidores que começou a difundir-se no cotidiano de marcas, influencers e de usuários com poucos seguidores que aspiram a interação com amigos ou conhecidos da sua rede.

A sociologia entende então, que como um campo de pesquisa, procura-se resultados que acompanham a vida em sociedade, ou seja, plural, interpretativa e menos “dura” como as ciências exatas vão oferecer. Portanto é interessante ressaltar aqui que a análise que procederá e terá como base esse levantamento teórico, busca chegar em uma narrativa que não pode ser considerada a realidade última dos objetivos de tal grupo analisado, mas sim com a interpretação traçar uma possível narrativa disposta através das imagens e imaginários constituídos durante a pandemia por imagens postadas em uma plataforma de interação social.

⁴⁴ MEIRELES, Leandro. Como as redes sociais estão combatendo fake news sobre o coronavírus. Publicado em 1 de abr 2020. Disponível em <https://www.consumidormoderno.com.br/2020/04/01/redes-sociais-combatendo-desinformacao-coronavirus/> Acesso 24/11/2020.

⁴⁵ Vídeos ao vivo transmitidos pelas plataformas de mídias sociais ou de streaming.

4. PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E ANÁLISE

4.1 Procedimentos metodológicos.

Contextualizando o período escolhido para a análise, é necessário falar sobre o que foi a pandemia da COVID-19. Causada pelo coronavírus SARS-CoV-2, a COVID-19 é uma doença infecciosa e tem como principais sintomas febre, cansaço e tosse seca e outros. O primeiro caso de infectados pelo vírus, no Brasil, foi em 26 de fevereiro em São Paulo (MINISTÉRIO DA SAÚDE, 2020). No mês de março de 2020, adotou-se medidas de isolamento social visando de desacelerar a contaminação da população e, conseqüentemente, evitar o colapso do sistema de saúde. Começa na mesma época a utilização de bandeiras para explanar a gravidade da situação e expor quais estabelecimentos poderiam exercer sua função. As bandeiras funcionam da seguinte forma como explica o site da prefeitura de Curitiba

“São avaliados nove indicadores, divididos em dois grupos: nível de propagação da doença e capacidade de atendimento da rede – cada um com peso de 50% na nota final de análise. O cruzamentos dos dados de cada indicador resulta em numa média ponderada, identificada pelas notas 1, 2 ou 3 – que, por sua vez apontam a situação da cidade, identificada por cores: A cor amarela significa situação de alerta, cujas notas variam de 0,01 a 1,99; A cor laranja significa situação de alerta de risco médio, e cujas notas variam de 2 a 2,99; A cor vermelha significa situação de alerta de risco alto, e cujas notas ficam de 3 ou mais. O monitoramento das variáveis é diário. Iria da prefeitura de cada lugar decidir qual bandeira colocar juntamente com o governador do estado.”⁴⁶ (Prefeitura de Curitiba, 2020)

Para realizar a pesquisa descritiva e explicativa, as primeiras práticas metodológicas realizadas foram a coleta documental e bibliográfica sobre os seguintes objetos de estudo: constituição das cidades e evolução do urbanismo; história da popularização da prática fotográfica e do consumo da mesma; as tecnologias da informação e como essas englobam o ecossistema urbano e doméstico no período de isolamento visando prospectar o cruzamento das cidades, imagens e da mídia social escolhida, o Instagram.

Enquanto o levantamento teórico iria se formando, iniciou-se o processo de coleta das imagens na plataforma Instagram. As imagens selecionadas foram aquelas em que se encontravam a cidade de Porto Alegre, seja como plano de fundo ou como

⁴⁶ Veja como funciona o sistema de bandeiras. Publicado em: 15/08/2020 Acesso dia 09/12/2021 as 10:26. Disponível em <<https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/veja-como-funciona-o-sistema-de-bandeiras/56672>>

objeto de destaque. Para localizá-las, utilizamos da marcação da cidade de Porto Alegre na publicação. Nos primeiros seis meses do ano de 2020, as imagens recolhidas seguem o período da orientação de isolamento referente às recomendações da época.

Foram então recolhidas 7 imagens no dia 1 e 15 de cada mês, fechando 14 imagens por mês, seguindo o padrão quinzenal de isolamento recomendado pela prefeitura durante os primeiros meses. No segundo semestre o período de coleta mudou, pois, a flexibilização do isolamento já estava sendo notado no Brasil. Então teremos 5 imagens em cada dia 10, 20 e 30 de cada mês, fechando 15 por mês. A redução de imagens diz respeito a uma aproximação do número de imagens por mês de 14 para 15.

Para chegar em imagens de períodos no passado, recorreu-se a uma ferramenta externa à plataforma de mídia social. A solução para conseguir resolver o problema da plataforma não possuir ferramentas de busca por data vem de um algoritmo o qual requer dois dados de entrada: primeiro se coloca a data escolhida para a busca no formato estadunidense; segundo é inserido o link da localização na qual o Instagram disponibiliza. Como dado de saída, o código calcula, filtra e entrega a página do Instagram com as imagens por localização e data⁴⁷ de livre escolha. O formato de data é o estadunidense pois foi elaborado por um norte americano que estudou a API do Instagram resolvendo o problema para quem necessitasse chegar ao passado. Já que o link url que é entregue pelo algoritmo mostra uma página das publicações a partir da última postagem do dia até a primeira (por vezes é possível chegar no dia anterior do escolhido, conforme desce a página), a escolha das imagens inicia pelas primeiras encontradas que mostram a cidade seja como plano de fundo ou de destaque. Foi feita uma seleção com em média mais de 10 fotos para cada dia. Em seguida, analisou-se quais destas fotografias eram realmente fotografadas a retratar locais públicos da cidade de alguma forma e não apenas, por exemplo, o pátio de uma propriedade privada, que muitas vezes pode confundir quando só passado o olho. Só então pode-se separar as imagens em pastas com as selecionadas para a análise.

Após recolher as imagens e separá-las em pastas com as respectivas datas, foi criado um documento *Excel* e realizada as descrições das imagens. Nessas

⁴⁷ REPLIT. Algoritmo para recolher as imagens. Disponível em <<https://replit.com/@LauraTesta/FormalYellowgreenLinux-7#main.py>>

descrições alguns aspectos entraram como um dicionário de requisitos. O céu deveria ser especificado entre ensolarado e nublado; o estilo de fotografia -se é selfie, retrato, fotografia de rua ou fotojornalismo amador; o cenário ou estrutura em destaque como igrejas, rios e se possível a localização de bairro conforme os objetos ali dispostos; a forma em que o sujeito está: encostado na parede, de costas; quando não há elemento humano a descrição será totalmente voltada para o local.

Para a análise, utilizou-se do método de pesquisa Leitura e Análise de imagem, disposto por Iluska Coutinho no livro Métodos de Pesquisa Científica em Comunicação (2006). Com o objeto de pesquisa sendo a fotografia publicada de forma a comunicar algo, mesmo que seja o estético, entende-se que “[...] interessa à Análise de Imagem compreender as mensagens visuais como produtos comunicacionais” (COUTINHO 2006, p. 330). As imagens que a autora diz ter mais adequação para a metodologia são aquelas veiculadas em mídias de massa, mas também engloba as disponíveis na internet. O primeiro passo é então entender e delimitar o tipo de imagem e de onde foi tirado, aqui já especificado, e após isso entendê-la como um conjunto de fragmentos que em conjunto passam uma mensagem. Ao fazer uma primeira análise descritiva, passa-se para a análise interpretativa. Para explicar isso a autora diz que “a imagem é basicamente uma síntese que oferece traços, cores e outros elementos visuais em simultaneidade. Após explorar a síntese é possível explorá-la aos poucos” (COUTINHO, 2006 apud JR. 1986, p.5).

Quando nos propomos a analisar um grupo de imagens fotográficas, temos que ter sistematizado um método que encaminhe os levantamentos a uma análise fiel e de consenso. Portanto, ficamos atentos tanto à legenda descritiva disposta pelo usuário, quanto à observação analítica de O quê, Onde, Quando e Quem. Também se observou os contextos em que a cidade se encontrava perante a pandemia, entendendo que essas informações são vitais para discorrer sobre uma narrativa do ambiente físico que está sendo retratado, buscando então aproximar a descrição das imagens com a realidade vivida naquele momento. Vale a pena lembrar que sempre teremos uma ficção ao se olhar para uma foto, pois aquilo mesmo sendo um recorte do momento, não é o momento e nem nos coloca inteiramente presente naquele instante com o contexto e, muito menos, nos permite entrar na cabeça do emissor da imagem para entender o que ele gostaria de passar exatamente, nos deixando com algumas, mas ainda restritas liberdades de interpretação.

Assim como a pesquisadora Marcela Leal Donini disse em sua análise, a qual buscou também entender a narrativa da cidade de Porto Alegre, porém no ano de 2015,

Entendemos que essa metodologia pode ser considerada frágil, já que é baseada na capacidade de interpretação do pesquisador. Por outro lado, como estamos lidando com o imaginário, um aspecto nada exato do social, sabíamos de antemão que uma metodologia hermética não seria adequada para dar conta da riqueza dos dados. (DONINI, 2015. P. 114)

Entende-se que algumas limitações de conhecimentos sobre teorias da análise de imagem e de imaginário e do próprio tempo dificultaram um desenvolvimento mais aprofundado com base em símbolos, das escolhas de enquadramento.

4.2 Análise

Para realizar a análise, após a coleta iniciou-se o processo de descrição, classificação e indexação das imagens. Com o primeiro passo sendo a descrição, procurou-se criar um panorama do que a imagem se trata utilizando de palavras chaves. Essas foram sendo desenvolvidas enquanto fazia-se a primeira observação das imagens, conforme iria se percebendo a necessidade de outras situações necessárias a serem destacadas nas imagens, recomeçava-se o processo até chegar em um grupo de palavras fechado, pode-se chamar um dicionário criado para isso.

Para que fosse possível uma visualização mais completa de todas as imagens recolhidas e do que se tratavam, criou-se uma planilha onde na vertical se encontrariam os dias e na horizontal as palavras chaves surgidas na etapa anterior visando fazer um levantamento quantitativo do que estava sendo publicado. Os pontos observados foram:

Quadro 1 – Gêneros fotográficos

Selfie
Retrato
Grupo
Fotografia de rua
Fotojornalismo amador
Fotografia de arquitetura
Fotografia de paisagem
Preto e Branco

Fonte: Classificação desenvolvida pela autora

Quadro 2 – Posição da pessoa no Retrato

Frente cidade
Costas p/cidade

Fonte: Classificação desenvolvida pela autora

Quadro 3 - Referentes de destaque

Estrada
De cima (drone, avião)
De cima sem aparecer janela
Foto da janela
Narcótico
Foco cidade
Foco céu

Fonte: Classificação desenvolvida pela autora

Quadro 4 - Escolha de horário e clima

Dia azul
Dia colorido (por e nascer)
Dia cinza
Noite

Fonte: Classificação desenvolvida pela autora

Quadro 5 - Legenda

Tbt
Legenda com arte
Legenda esperançosa
Info covid
Descrição feliz
Descrição com viés triste/melancólico
Legenda religiosa
Marca

Fonte: Classificação desenvolvida pela autora

Enquanto os grupos de fotos estavam sendo observados para a disposição na planilha, também foi feita uma última coluna dentro do quantitativo para uma narrativa descritiva qualitativa de como a cidade estava sendo retratada naquele dia, trazendo pontos diferentes e repetentes em comparação com outros dias.

Com esse levantamento, descrição e classificação inicia-se os cruzamentos. Percebendo fenômenos sendo repetidos no mesmo dia, formas semelhantes de

retratar a arquitetura ou a si mesmo em relação com a cidade, legendas com possibilidade de conversação ou que entreguem mais informações sobre a motivação da publicação e por fim identificar se há uma narrativa semelhante entre os cidadãos, se o imaginário da cidade e os pontos que chamam a atenção dos emissores encontram-se de forma semelhante ou particular.

4.2.1 O Céu como foco dos olhares

Ao observar os resultados da coleta, inicialmente utilizou-se das narrativas descritas pela interpretação da autora para cada mês, visando um levantamento inicial do contexto de cada dia analisado. Percebe-se que o mês de março ainda havia o desconhecimento da pandemia, a cidade retratada nesse período então é composta por imagens em que o cenário urbano divide o foco da composição principal com o céu. Na indexação, onde criou-se uma ordenação pelos índices na fotografia, foi colocado a categoria de qual estado o céu estava no momento da captura, nublado, nascer ou pôr, colorido e noite.

É interessante ressaltar que fevereiro, março e maio são os meses em que o céu é bastante valorizado. Há em alguns casos, a repetição do momento que o céu chama atenção dos usuários da plataforma, fazendo surgir fotografias do mesmo acontecimento no dia como o pôr do sol na Orla (3); o sol atrás das nuvens fazendo um efeito de raios solares saindo de trás das nuvens (3 fotos); e um arco-íris que acontece em fevereiro (2 vezes). Locais e situações vividas na cidade quando colocadas em repetição podem representar, segundo Lynch “[...] uma imagem pública de qualquer cidade que é a sobreposição de muitas imagens individuais” (LYNCH, 2011. p. 5). Uma montagem das 3 publicações referentes ao mesmo fenômeno natural o qual chamou atenção e foi retratado da mesma forma pode ser observado na imagem 1:

Figura 1 – Dia 15/02/2021



Fonte: Compilação realizada da autora a partir Instagram (2021)

A Orla do Guaíba é um dos lugares na cidade que propicia a interação e o lazer e com a reestruturação passa a entregar mais possibilidades de vivências no local com segurança e diferentes atividades. Sendo citada em músicas e propagandas da cidade, o local oferece além da segurança, segundo Lynch (ibid) “reforça a profundidade e a intensidade potenciais da experiência humana”. Com elementos naturais vivos, ela está localizada na margem do rio onde iniciou-se a cidade de Porto Alegre, sendo também um ponto turístico da cidade, possuindo símbolos como a torre da usina, a beira do rio Guaíba e várias relações do local como o famoso “Pôr do sol no Guaíba”. Esse local teve repetição em praticamente todos os meses do primeiro semestre da coleta, isso possivelmente se dá por ser um símbolo de Porto Alegre, além de consistir em um espaço de encontros, mais popularizado ainda a partir de sua reestruturação. LYNCH (2011) ao falar sobre a imagem da cidade ressalta a importância de locais como o supracitado.

Um cenário físico vivo e integrado, capaz de produzir uma imagem bem definida, desempenha também um papel social. Pode fornecer matéria-prima para os símbolos e as reminiscências coletivas da comunicação em grupo. (LYNCH, 2011, p. 5)

O céu como foco irá parar de acontecer com frequência a partir do mês de julho, até esse mês, pelo menos uma fotografia com tal foco irá se repetir em todos os dias analisados. A escolha do momento para tirar foto em que a cidade aparece em conjunto com o céu é em grande parte quando este se encontra ou no pôr do sol ou no nascer do dia. Essa escolha acontece com frequência e em grande número até o mês de junho. Procuram essas pessoas compor a fotografia com a cidade e as diversas cores no céu. Um plano de fundo e também usado como foco é o rio Guaíba, sendo todos os dias até o mês de junho, pelo menos uma foto que mostrava o rio. Com o decorrer do ano, a frequência diminui fortemente.

4.2.2 O LUGAR DE PASSAGEM COMO LUGAR

Devido ao fato de que observar a rua da janela é a forma como se pode ter contato com o mundo exterior, começa a criação de um vínculo entre o cenário da cidade focada em linhas e simetrias de prédios e outras arquiteturas da cidade, com diferentes usuários do Instagram. Ou seja, a partir do meio do mês de março, a arquitetura da cidade começa a ter um valor muito grande para quem publica fotos com a marcação da cidade. Pode-se dizer então que esses lugares de passagem viram foco dos olhares. Durante o isolamento, a vista da janela muito capturada durante esse período, faz contraponto a levantamentos feitos por autores que diziam sobre a rua ser um local que antes não era mais realmente admirada, como por exemplo diria Peixoto (2003) no livro Paisagens Urbanas

Essas janelas urbanas não mostram ruínas, mas um horizonte saturado. A vista não é mais aqui que se observa com reverência, a distância. Agora está próxima. Ela e aquilo com que se trava o embate, um corpo a corpo. No auge da visibilidade, a cidade tornou-se invisível. (PEIXOTO, 2003, p. 153).

Ainda trazendo contrapontos, outro autor que falará sobre a passividade do locomover-se nas ruas e das mídias, pode-se dizer que com essa observação sobre as imagens, as mídias também deixam de ser uma forma de absorver passivamente o entorno. Fazendo inclusive a plataforma Instagram ser motivo de atividade ao perceber a rua, retratá-la e publicá-la.

Se nos fixamos e discorremos sobre experiências corporais mais explicitamente do que fizeram nossos bisavós, nem por isso a liberdade física de que desfrutamos é tão grande assim; pelo menos através dos meios de comunicação, experimentamos nossos corpos de uma maneira mais passiva do que faziam as pessoas que temiam suas próprias sensações. (Sennett, 1997, p. 17)

De março a maio não só a frequência, mas o número de fotos retratando a arquitetura urbana é significativo, sendo mais de duas fotos na maioria dos dias. Do mês de agosto a dezembro a quantidade de fotos voltadas para a arquitetura em cada dia não passa de uma, mas há a repetição deste foco em todos os dias em que se coletou as imagens. No mesmo período em que a arquitetura vira enfoque, a cidade é vista e retratada de forma panorâmica também.

As publicações das fotografias, com o plano de fundo ou de destaque, das estradas de Porto Alegre, também retratam que os locais de passagem tornam lugares de experiência, ou da criação do sentimento de melancolia pela falta de movimentação. Pouco antes da chegada da pandemia na cidade, fotografias com esse enfoque não tinham tanta repetição. Destaque para o mês de agosto que possui 1/3 das fotografias voltadas para esse referente como é ilustrado na figura 2 com uma montagem de 3 imagens para ilustração:

Figura 2 – Dia 20/09/2021



Fonte: Compilação realizada da autora a partir Instagram (2021)

4.2.3 O RETRATO COMO PERTENCIMENTO

A partir de maio, troca-se o foco da fotografia para ter um aumento na quantidade de retratos. Em praticamente todos os dias em que se recolheu as imagens, a composição: cidade como plano de fundo para uma foto tirada de um indivíduo, foi a que mais teve recorrência, sendo apenas o dia 1/04/2020 o qual não possuía, dentro do levantamento para o dia, fotografias sem o elemento humano.

Ainda dentro do retrato, pode-se ressaltar que dessas imagens, em alguns casos, a pessoa fotografada ficava de costas para a câmera, de frente para cidade como se estivesse observando-a no momento da foto. Essas fotografias ocorrem a partir do mês de agosto, tendo 1 foto neste estilo em agosto e 3 em novembro. Vale ressaltar que consequentemente, o retrato com o sujeito de frente para a câmera e de costas para a paisagem ocorre com uma grande repetição. Outro ponto que chama atenção é que em junho, agosto e outubro, meses em que as informações e as

recomendações sobre o uso de máscara já estão disseminadas, ainda assim alguns dos retratos tirados são de pessoas as quais não estão de máscara na rua.

Figura 3 – 15/06



Fonte: Compilação realizada da autora a partir Instagram (2021)

4.2.4 A IMAGEM DA PANDEMIA

As legendas que envolvem a pandemia, de forma melancólica ou esperançosa, acontecem nos dias 15/04 com a frase “a voz da cidade me faz falta” como mostra a última frase da descrição da figura 4, duas em 01/05 que, de forma esperançosa, dizem “tudo vai ficar bem” e utilizam da música “Dias melhores”, e por fim no dia 15/06 a legenda “diário da quarentena, depois do vendaval”. Essas são utilizadas para retratar, com a cidade sendo o foco da foto em todas elas, a saudade da convivência nas ruas, o silêncio que agora incomoda quem estava acostumado com os barulhos da vida na cidade e a utilização do clima nublado e ventoso para ilustrar a nebulosidade e a espera do final da pandemia utilizando da analogia que após o temporal, dias melhores virão. Perto desses dias supracitados, o mês de junho é o que concentra as legendas voltadas para a religião. Também nesse período, percebe-se uma quantidade incomum de legendas que trazem algum tipo de manifestação artística. São postagens com descrições maiores, mais trabalhadas por quem as escreve as vezes por artistas de diferentes segmentos que encontraram nas plataformas digitais, um espaço de expressão em múltiplas formas de talento pessoal, com eles há pessoas de outras áreas que, talvez pela possibilidade do ócio, praticaram mais seu lado artístico.

Figura 4 – 15/04



Fonte: Compilação realizada da autora a partir Instagram (2021)

Apesar da situação de calamidade pública devido a pandemia, praticamente todas as fotos têm um viés positivo. Quase sempre os sujeitos retratados estão sorrindo; Mesmo quando na rua sem máscara (que nos meses de novembro e dezembro ocorrem com frequência e em maior número) os indivíduos parecem confiantes de si e felizes por mostrar seu despudor ao sair mesmo contra os pedidos de isolamento e curva pandêmica. Tirando as situações em que fora destacado das legendas que carregam melancolia, observou-se um outro ponto fora do comum, tanto para a estética do Instagram quanto para comparação das imagens coletadas no período. Esse acontecimento se dá pelo mês de outubro, época de eleição. Nesse contexto, todas as imagens coletadas giram em torno de propaganda eleitoral, passeatas e promessas. Uma foto deste período chama a atenção para a estética “bela” do Instagram: Uma criança em situação de rua pedindo dinheiro na sinaleira. A legenda que segue desse fato é também voltada para as eleições, onde o emissor relata sobre a atual prefeitura e a culpa dessa perante a situação retratada.

4.5 Inferências

Ao observar todas as 215 imagens recolhidas utilizando da metodologia de coleta e análise citada anteriormente, pode-se traçar uma linha do tempo breve e formar categorias para ilustrar como a cidade foi narrada durante o ano de 2020. Percebe-se então, buscando responder a pergunta guia do problema que traduz o objetivo

geral, mostra que a cidade de Porto Alegre é vista e narrada de forma semelhante em muitas situações, criando e/ou refletindo um possível imaginário coletivo. O pôr do sol que se repete como motivação constante da fotografia e foco principal dos olhares deixa questionamentos como o que gera a necessidade de retratar, indo além do belo, tal paisagem. Algumas hipóteses são o possível desejo de ascensão e a forte ligação da população com a religião. Outro alvo retratado com persistência foi a Orla do Guaíba, entendendo que esta, ao fazer parte da constituição da cidade como em volta de rios e forma de subsistência, hoje é uma localização símbolo da cidade que gera para além da história, possibilidades de relações sociais e pertencimento do cidadão com a cidade.

A fotografia de rua na cidade de Porto Alegre, mesmo que de forma amadora, não se fez presente, sendo o foco as fotografias de arquitetura e os retratos. O fotojornalismo também não foi encontrado nessa coleta, entendendo que narrar a cidade com imagens seguida de informações não se mostrou como uma prática exercida pelos usuários. Mesmo sendo um período em que houve uma quantidade exacerbada de informações chegando na sociedade, essa não chegou ultrapassar as conversas físicas e virtuais em chats ou dos noticiários.

A cidade é narrada pela memória quando a privação do contato físico com a cidade ultrapassa 90 dias, visto com o aumento do TBT apenas no final do mês de julho. Sendo assim, pode-se dizer que as memórias são uma forma de afirmar que, em algum momento, elas fizeram parte do que não pode ser vivido naquele momento e pode-se dizer que carregam nostalgia e saudade. A rua e os locais de passagem passam a ter o valor também pela privação e pela saudade, mostrando que lugares antes vistos como espaços em que não se continha um vínculo, entregam agora ao cidadão um valor diferente do trajeto de um ponto a outro, mas como um caminho a ser valorizado.

Diferente do que se esperava, o estilo de fotografia Selfie não teve presença. Acredita-se que o motivo disso é a ferramenta de stories que entregam essa possibilidade de entregar um conteúdo rápido feito na hora e que logo deixará de existir. Mesmo assim, o retrato envolvia inserir as pessoas na cidade, seja de forma a mostrar o passado nas imagens de memórias ou provar que ainda faz parte da cidade ao postar fotos do período presente da captura. Ao perceber que o retrato é geralmente tirado por outra pessoa, pode-se dizer que se mostrou que ao estar afastado, é necessário para os cidadãos narrar a cidade e a si mesmo como um

relacionamento ainda vivido, necessitando provar esse pertencimento após alguns meses pós isolamento.

A imagem da pandemia então se dá pelas legendas que mostram esperança de dias melhores, a melancolia que as ruas agora silenciosas passam para o cidadão e, com o tempo poupado da locomoção, um possível tempo de sobra que possibilita um aumento de legendas extensas voltadas para o meio artístico. Por fim, a cidade foi narrada pela plataforma, em geral, dentro do “bom e bonito” mesmo com a situação de calamidade de saúde pública, mostrando que a cidade tem grande valor ao entregar paisagens e arquiteturas agradáveis a serem vividas mesmo que não fisicamente.

Arrisca-se aqui dizer que a plataforma foi utilizada como *Ágora*, centro em que a convivência e a conversação entregaram o sentimento de pertencimento e de aquecimento dos corpos, como trás Sennet ao falar de Atenas no livro *Carne e Pedra* (2008).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o isolamento devido a pandemia da covid-19 e a falta de relação do cidadão com a cidade, muitos dos processos que dependiam do convívio na cidade se adaptaram, inclusive como a fotografia foi utilizada em tal período. Portanto, o trabalho buscou mostrar como o Instagram foi utilizado como bengala para se sentir pertencente e vivenciando situações não mais possíveis de serem experienciados.

Na recapitulação histórica desse trabalho, o foco esteve voltado para a constituição das cidades e das relações sociais dentro dessa e da evolução da história fotográfica assim como a sua popularização. O Objetivo desse percurso foi orientar a autora a entender em qual contexto se encontrariam muitos dos autores utilizados como referência (assim como outros que serão futuramente estudados) e também

alocar situações repetentes que são vistos até hoje na relação do sujeito com a cidade.

Entende-se aqui que um dos levantamentos teóricos que poderiam ter sido utilizados é o processo de análise pela semiótica, o qual poderia responder, mesmo que o usuário do Instagram não faça um planejamento sobre quais símbolos, ícones e índices foram representados e o que esses poderiam dizer sobre a narrativa, de forma mais aprofundada. Apesar disso, a coleta documental de imagens e a análise interpretativa imagética utilizadas como metodologia foram desenvolvidas com minuciosidade, atendendo todas as necessidades e resolvendo os problemas encontrados

Dentro da proposta geral de responder a narrativa disposta por usuários do Instagram em imagens, desafios como criar uma metodologia de coleta, classificação; resgatar o conteúdo imagético e para interpretação e identificar as mudanças estéticas de narrativa antes e durante a pandemia foram alcançadas.

Perguntas surgiram no decorrer da pesquisa como qual a diferença da cidade narrada pelas publicações no feed e pelos *stories* com marcações de localização tanto da cidade como de bairros em Porto Alegre. Como se encontra a narração um ano depois e qual será quando as atividades vividas em sociedade na rua não carregarem mais a preocupação do contágio pelo vírus.

REFERÊNCIAS

ABIKO, Alex Kenya, ALMEIDA, Marco Antonio Plácido de. e BARREIROS Mário Antônio Ferreira Barreiros. URBANISMO: HISTÓRIA E DESENVOLVIMENTO. São Paulo: Epusp. 1995. 49 p.

ALVEZ, Lara Moreira. A CONSTRUÇÃO DE BRASÍLIA: UMA CONTRADIÇÃO ENTRE UTOPIA E REALIDADE, 2005. 5 p.

AUGÉ, Marc. Não-lugares: introdução a uma antropologia da sobre modernidade. Papirus Editora, 1992. 110 p.

BACOCINA, Denize E MELO, Clayton. A CASA E A CIDADE IMPACTOS DA PANDEMIA NA VIDA URBANA, TENDÊNCIAS E INSIGHT. 2020. Disponível em < <http://www.brt.cl/> > Acesso em: 23 de set 2021

BAIARDI, Almicar. MUDANÇAS TÉCNICAS NA AGRICULTURA MEDIEVAL E O PROCESSO DE TRANSIÇÃO PARA O CAPITALISMO. 1997.

BAUMAN, Zygmunt. Confiança e medo na cidade. Editora Zahar, 2005. 96 p.

BARROS, Duarte. *MÉTODOS E TÉCNICAS DE PESQUISA EM COMUNICAÇÃO*. Disponível em: Minha Biblioteca, (2nd edição). Grupo GEN, 2006. Acesso em 20 de out 2021

BENJAMIN, Walter. Pequena história da fotografia, 1992. 17 p.

BLASCO, Lucía. Veneza do Novo Mundo': conheça a capital asteca antes da colonização espanhola, 2021. Disponível em < <https://www.bbc.com/portuguese/geral-58252874> > acesso 16 de ago 2021

BORGES, Luciana. Mudança de cidade e de estilo de vida: o fenômeno das “Cidades Zoom” 2020.

Disponível em <<https://www.consumidormoderno.com.br/2020/11/19/mudanca->

de-cidade-e-de-estilo-de-vida-o-fenomeno-das-cidades-zoom/> acesso 20 de ago 2021.

“Brasil é 2º em ranking de países que passam mais tempo em redes sociais” 2019. Disponível em <https://epocanegocios.globo.com/Tecnologia/noticia/2019/09/brasil-e-2-em-ranking-de-paises-que-passam-mais-tempo-em-redes-sociais.html>> Acesso: 20 de ago 2021

CABALLOS, Esteban Mira . 'Veneza do Novo Mundo': conheça a capital asteca antes da colonização espanhola, entrevista de Lúcia Blasco. BBC News Brasil. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-58252874>>. Acesso em: 02/10/2021.

BRESSON, Henri Cartier, O instante decisivo. 1952. 160 p.

BRUNET, François. Photography and Literature. Editora Reaktion Books, 2009. p.1-64.

DEBORD, Guy. Sociedade do Espetáculo. Editora Coletivo Periferia, 2003. 238 p.

EKMAN, Faber, M. E. (2020). O nascimento da Idade Média a partir da análise comparativa das obras: "Passagens da Antiguidade ao Feudalismo" e "Declínio e Queda do Império Romano". Revista Historiador, (1). Disponível em <https://revistahistoriador.com.br/index.php/principal/article/view/36>. Acesso em 28 de ago de 2020.

FALCÃO, David. Timeline da História da Fotografia, 2019. 15 p.

FREUD, Sigmund. O mal-estar na civilização. Editora Penguin, 1930. 496 p.

GEHL, Jahn e SVARRE, Birgitte. A vida na cidade, como estudar. Editora Perspectiva, 2018. 173 p.

GOITIA, F. C. Breve história do urbanismo. Lisboa, Editora: Editorial Presença, 1992. 226 p.

GONÇALVES, Tálita. As maiores redes sociais em 2021. Publicado dia 21 de jun de 2021. Disponível em <<https://etus.com.br/blog/as-maiores-redes-sociais-em-2021/>> Acesso 24/11/2021.

GUIMARÃES, Ivo. A Câmara Obscura e o Registo Fotográfico Digital. 2009. Disponível em < <https://core.ac.uk/download/pdf/15561389.pdf> >

HACKING, Juliet e COMPANY, David. Tudo sobre fotografia. Editora: Sextante, 2012. 576 p.

HUBERMAN, Leo. História da Riqueza do Homem. Editora: ZAHAR, 1981. 318 p.

INDIO, Cristina. Número de trabalhadores em home office diminui em novembro de 2020. Publicado em 02/02/2021 Rio de Janeiro. Disponível em <<https://agenciabrasil.ebc.com.br/economia/noticia/2021-02/numero-de-trabalhadores-em-home-office-diminuiu-em-novembro-de-2020>>

LEITE, Julieta Maria de Vaconselos. O ciberespaço público A Virtualização do Espaço Público Nos Projetos da Cidade Digital (2006). Disponível em < <https://repositorio.ufpe.br/handle/123456789/3476>> Acesso 20 de ago 2021

MAGALHÃES, Nara Maria Emanuelli e MORIGI, Valdir Jose. Apresentação do Dossiê Cidade, Mídias, Memória e Cotidiano em Tempos de Pandemia. 2021 Disponível em < <http://portal.amelica.org/ameli/jatsRepo/346/3461827001/index.html> > Acesso 08 de out 2021

MARTINS, Sérgio. Metrôpoles e automóveis : além da indústria, aquém do urbano. 5 edição. 2005. Artigo disponível em < <https://journals.openedition.org/espacoeconomia/904>> Acesso 10 de set 2021

MARQUES de Oliveira, D. (1). DISCURSO E PLANEJAMENTO URBANO NO

BRASIL. Revista Geográfica De América Central, 2(47E). Disponível em <<https://www.revistas.una.ac.cr/index.php/geografica/article/view/2213>> Acesso 10 de ago 2021

PESAVENTO. Sandra Jatahy, CIDADE, ESPAÇO E TEMPO: REFLEXÕES SOBRE A MEMÓRIA E O PATRIMÔNIO URBANO. 2005. Artigo disponível em < <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/lepaarq/article/viewFile/893/873> > acesso 1 nov 2021

PESAVENTO. Sandra Jatahy. CIDADES VISÍVEIS, CIDADES SENSÍVEIS, CIDADES IMAGINÁRIAS. 2007. Artigo disponível em < <https://www.scielo.br/j/rbh/a/BXNmGmrkWDkdVR4VPskmLJ/?lang=pt> > acesso 1 nov 2021

RYKWERT, Joseph. Cidade e Rito: Roma e Rômulo. A idéia de cidade: a antropologia da forma urbana em Roma, Itália e no mundo antigo. São Paulo: Perspectiva, 2006. p. 01- 22.

RECUERO, R; Soares, F. B.; Vinhas, O.; Volcan, T.; Zago, G.; Stumpf, E. M.; Viegas, P.; Hüttner, L. G.; Bonoto, C.; Silva, G.; Passos, I.; Salgueiro, I.; Sodr e, G.. Desinforma o, M dia Social e Covid-19 no Brasil: Relatório, resultados e estratégias de combate. Relatório de Pesquisa. 2020. Disponível em <<https://wp.ufpel.edu.br/midiars/files/2021/05/Desinformac%CC%A7a%CC%83o-covid-midiars-2021-1.pdf>> acesso em 16 de out 2021

SARLO, Beatriz. Entrevista com Beatriz Sarlo. 2009. Disponível em < <https://www.scielo.br/j/ts/a/Wk4cKz9rSpbrKqmjTs4gc8P/?lang=pt> > acesso 25 de out 2021

SCHOR, Tatiana. O automóvel e o desgaste social. ed Perspectiva, 1999. Disponível <<https://www.scielo.br/j/spp/a/vBWjwxnsFXHrG9dxNzBQgSb/?lang=pt>> acesso 15 de set 2021

SENNETT, Richard. Carne e Pedra. Edição de bolso. Editora Best Seller, 2008. 405 p.

SILVA, Cândida Rosa da. e LAMÓIA, Franciane Machado E AZEVEDO, Vanusa Aparecida de. REVISTA INTERDISCIPLINAR DE ESTUDOS CONTEMPORÂNEOS, 7 ed. 2018. Disponível em < <https://www.fans.edu.br/wp-content/uploads/2018/12/RIEC-VII-EDI%C3%87%C3%83O-DIREITO-1.pdf>> Acesso 20 de ago 2021

SONTAG, Susan. Sobre Fotografia, Editora Companhia das Letras, 2004. 224 p.

SOUZA, Ivan. 2019. O que disse o cenário de tendências de conteúdo em 2019 Disponível em <<https://rockcontent.com/br/blog/cenario-tendencias-conteudo/>> Acesso 20 de ago 2021.

SOUZA, Felipe; MACHADO, Fernando. Coronavírus: entregadores de aplicativo trabalham mais e ganham menos na pandemia, diz pesquisa. Publicado em 7 maio 2020. Disponível em <<https://www.bbc.com/portuguese/brasil-52564246>>. Acesso 19 de set 2020.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. Capitalismo e Urbanização. Contexto, 2009. Disponível em <http://www.faed.udesc.br/arquivos/id_submenu/1415/capitalismo_e_urbanizacao_maria_encarnacao_beltrao_sposito_pdf_rev.pdf> acesso 20 de ago 2021

TAVARES, Glauco. A prática da fotografia de rua, Editora G. Gilli. 2019. 139 p.

TAVARES, Lucilaine Teixeira. Associação do uso de mídias sociais com o comportamento alimentar e o risco de transtornos alimentares e nutricionais em estudantes universitários. Disponível em <<https://monografias.ufop.br/handle/35400000/3573>> Acessado em 18/11/2021.

TERRA, Antônia. História das Cidades Brasileiras. Editora melhoramentos. Disponível em <<https://books.google.com.br/books?hl=pt->

[BR&lr=&id=68KMf5P70YUC&oi=fnd&pg=PT6&dq=as+primeiras+cidades+brasileiras+foram+constru%C3%ADdas+em+mandado+do+Rei+de+Portugal+&ots=cZKREFhxTm&sig=968WUOxCo2jFfRDYYFMDqTqhrIQ#v=onepage&q&f=false](https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/veja-como-funciona-o-sistema-de-bandeiras/56672)

Veja como funciona o sistema de bandeiras. Publicado em: 15/08/2020 Acesso dia 09/12/2021 as 10:26. Disponível em <<https://www.curitiba.pr.gov.br/noticias/veja-como-funciona-o-sistema-de-bandeiras/56672>>

VILLAÇA, Flávio. Uma contribuição para a história do planejamento urbano no Brasil. 1999. Disponível em <https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/6011965/mod_resource/content/1/FI%C3%A1vio%20Villa%C3%A7a%20-%20Uma%20contribuicao%20para%20a%20historia%20do%20planejamento%20%20urbano%20no%20Brasil.pdf> Acesso 15/08/2021

VILELA, Luiza. E-commerce: o setor que cresceu 75% em meio à pandemia. Disponível em <<https://www.consumidormoderno.com.br/2021/02/19/e-commerce-setor-cresceu-75-cri-se-coronavirus/>> Publicado em 19 de Fevereiro de 2021. Acesso 17 de ago 2021

Vort-C Ambiente. Porto Alegre Vida Noturna: Cidade Baixa BR | Rio Grande do Sul, Brazil | 【4K】 2021Youtube. 24 de set. de 2021. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=z0pso_CIEkQ&t=311s> Acesso 12 de ago 2021.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br